

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Luiza Lopes Rosa

A Guerra do Iêmen como Manifestação da Balança de Poder entre Irã e Arábia Saudita:
Uma Análise das Guerras Proxy

Florianópolis

2023

Luiza Lopes Rosa

**A Guerra do Iêmen como Manifestação da Balança de Poder entre Irã e Arábia Saudita:
Uma Análise das Guerras Proxy**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em
Relações Internacionais do Centro Socioeconômico da
Universidade Federal de Santa Catarina como requisito
para a obtenção do título de Bacharel.
Orientador: Prof.^a Dr.^a Graciela de Conti Pagliari

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Rosa, Luiza Lopes

A Guerra do Iêmen como Manifestação da Balança de Poder
entre Irã e Arábia Saudita : Uma Análise das Guerras Proxy
/ Luiza Lopes Rosa ; orientadora, Graciela de Conti
Pagliari, 2023.

60 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro
Socioeconômico, Graduação em Relações Internacionais,
Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Relações Internacionais. 2. Irã. 3. Arábia Saudita.
4. Guerra do Iêmen. 5. Guerra Proxy. I. Pagliari, Graciela
de Conti. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Relações Internacionais. III. Título.

Luiza Lopes Rosa

A Guerra do Iêmen como Manifestação da Balança de Poder entre Irã e Arábia

Saudita: Uma Análise das Guerras Proxy

Florianópolis, 26 de junho de 2023.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi avaliado e aprovado pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Dr.^a Graciela de Conti Pagliari

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Dr. Márcio Roberto Voigt

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Ma. Helena Miranda Cherem

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Certifico que esta é a **versão original e final** do Trabalho de Conclusão de Curso que foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais por mim e pelos demais membros da banca examinadora.

Prof.^a Dr.^a Graciela de Conti Pagliari

Orientadora

Florianópolis, 2023.

Este trabalho é dedicado à minha família.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer à minha mãe, ao meu pai e ao meu irmão, que sempre fizeram de tudo por mim e me encorajaram a lutar pelos meus objetivos. Sem eles, eu não seria metade da pessoa que sou hoje.

Agradeço à minha avó Maria, uma das pessoas que mais me incentivou a estudar e entrar num curso de graduação. Obrigada também à minha avó Salete e ao meu avô Luiz, por todo o carinho e por sempre cuidarem de mim.

Não posso deixar de agradecer ao meu namorado, Luis Felipe, pelo amor, cumplicidade, compreensão e apoio nesse meu processo de escrita da monografia.

A graduação não seria a mesma sem meus grandes amigos Flavia, Angela, Matheus, Isabela, Ramon, Giovanni e Emyllie. Estudar 5 anos ao lado de vocês tornou o processo mais leve e gratificante. Muito obrigada!

Agradeço também à pessoa responsável por eu gostar da área de Segurança Internacional: minha orientadora, Prof.^a Graciela. Obrigada por toda a orientação no tempo em que participei do GESED, pelas oportunidades de apresentar as pesquisas em eventos acadêmicos e pelo auxílio durante a escrita da monografia.

RESUMO

O Oriente Médio vive uma série de conflitos desde o século passado, especialmente após a Primavera Árabe. Apesar dessas instabilidades terem diversas razões, a influência do Irã e da Arábia Saudita nesses contextos torna-se cada vez mais recorrente. Ambos os países buscam ampliar sua esfera de poder, apoiando grupos aliados e envolvendo-se em conflitos em países vizinhos. A Guerra do Iêmen é um exemplo claro dessa dinâmica, pois o conflito tornou-se um *proxy* da rivalidade Irã-Arábia Saudita, com o envolvimento direto ou indireto de outros atores regionais e internacionais. A partir da pergunta Em que medida a guerra do Iêmen se configura como parte da balança de poder entre Irã e Arábia Saudita por meio das guerras *proxy*? e através do método hipotético-dedutivo, a hipótese principal deste trabalho é que a disputa pelo poder no Oriente Médio tem levado o país persa e o reino saudita a se envolverem em conflitos como a guerra *proxy* travada no Iêmen. A luta pelo controle do Estado iemenita reflete o esforço desses dois países em garantir uma posição de destaque no subcontinente, além de aumentar a instabilidade na região como um todo.

Palavras-chave: Irã. Arábia Saudita. Guerra do Iêmen. Balança de poder. Guerra Proxy. Oriente Médio. Segurança Internacional.

ABSTRACT

The Middle East has been experiencing a series of conflicts since the last century, especially after the Arab Spring. Despite these instabilities having several reasons, the influence of Iran and Saudi Arabia in these contexts becomes increasingly recurrent. Both countries seek to expand their sphere of power, supporting allied groups and getting involved in conflicts in neighboring countries. The Yemen War is a clear example of this dynamic, as the conflict became a proxy for the Iran-Saudi Arabia rivalry, with the direct or indirect involvement of other regional and international actors. From the question To what extent is the war in Yemen configured as part of the power balance between Iran and Saudi Arabia through proxy wars? and through the hypothetical-deductive method, the main hypothesis of this work is that the struggle for power in the Middle East has led the Persian country and the Saudi kingdom to become involved in conflicts such as the proxy war fought in Yemen. The struggle for control of the Yemeni state reflects the efforts of these two countries to secure a prominent position in the subcontinent, in addition to increasing instability in the region as a whole.

Keywords: Iran. Saudi Arabia. Yemen War. Power balance. Proxy War. Middle East. International Security.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Alcance dos principais Impérios Persas	34
Figura 2 – Alcance dos Houthis no Iêmen.....	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Participações do Irã e da Arábia Saudita na Guerra do Iêmen.....	43
--	-----------

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Variação do PIB do Irã em bilhões de dólares	39
Gráfico 2 – Gastos militares do Irã e da Arábia Saudita.....	46
Gráfico 3 – Gastos militares dos membros da Coalizão Árabe	47

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

AIEA Agência Internacional de Energia Atômica

CCG Conselho de Cooperação do Golfo

CIA Agência Central de Inteligência

EUA Estados Unidos da América

NEOM Núcleo de Estudos do Oriente Médio

ONU Organização das Nações Unidas

OCI Organização da Conferência Islâmica

OTAN Organização do Tratado do Atlântico Norte

PIB Produto Interno Bruto

SI Sistema Internacional

SIPRI Stockholm International Peace Research Institute

URSS União das Repúblicas Socialistas e Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1	CONCEITUALIZAÇÕES ACERCA DO TEMA	22
2.1.1	Explicações teóricas sobre o poder.....	22
2.1.2	Das guerras que explicam a região.....	25
2.2	CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	27
3	A CONSTITUIÇÃO DO IRÃ E ÁRABIA SAUDITA COMO POTÊNCIAS REGIONAIS: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	28
3.1	FORMAÇÃO DA ARÁBIA SAUDITA: DA ARÁBIA ATÉ A ATUALIDADE.....	28
3.1.1	A Arábia Saudita no século XXI	31
3.2	A FORMAÇÃO DO IRÃ: DA PÉRSIA ATÉ A ATUALIDADE.....	33
3.2.1	As implicações da Revolução Islâmica de 1979 na atualidade	37
3.3	CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	41
4	A MANIFESTAÇÃO DA BALANÇA DE PODER ENTRE IRÃ E ARÁBIA SAUDITA NA GUERRA DO IÊMEN	42
4.1	AS CONSEQUÊNCIAS DA ATUAÇÃO DO IRÃ E DA ARÁBIA SAUDITA NO CONFLITO IEMENITA.....	43
4.2	GASTOS MILITARES DO IRÃ, DA ARÁBIA SAUDITA E DA COALIZÃO ÁRABE	45
4.3	O PAPEL DO PROXY HOUTHÍ NA GUERRA DO IÊMEN.....	48
4.4	ANÁLISE DA EFICÁCIA DAS ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS PELO IRÃ E PELA ARÁBIA SAUDITA NO CONFLITO	50
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
	REFERÊNCIAS.....	56

1 INTRODUÇÃO

O Oriente Médio¹ vive há décadas uma série de instabilidades políticas, sociais e militares, com diversos conflitos em curso que afetam a estabilidade regional e global. Essa vulnerabilidade tem várias causas, incluindo rivalidades históricas, questões étnicas, religiosas, lutas pelo poder e interesses geopolíticos. O Irã e a Arábia Saudita desempenham papéis fundamentais nesse cenário devido à sua rivalidade histórica e à busca por influência e hegemonia na região. Sendo assim, ambos se envolvem em conflitos do Oriente Médio para maximizarem seu poder e se tornarem líderes do subcontinente.

Uma dessas contendas é a guerra civil iemenita, a maior crise humanitária atual do mundo. Caracterizado como um dos países mais pobres do Oriente Médio, o Iêmen vive uma realidade onde cerca de 20 milhões de pessoas estão desabrigadas, afetadas pela fome e dependem de assistência humanitária para sobreviver, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU, 2021).

A instabilidade política teve início durante a Primavera Árabe em 2010, quando a população iemenita se manifestou contra o governo autoritário do então presidente Ali Abdullah Saleh, que estava no poder desde 1979. Ele renunciou ao cargo em 2012 em meio a diversos problemas econômicos, políticos e de segurança, após um acordo mediado pelo Conselho de Cooperação do Golfo (CCG), com participação dos Estados Unidos (EUA) e da União Europeia. No entanto, apesar da renúncia do ex-presidente e do seu vice Abd Rabbuh Mansur Hadi ter assumido o cargo, um grupo continuava se sentindo marginalizado naquele cenário: os Houthis, um movimento fundamentalista xiita zaidita originário do norte do país.

O descontentamento do grupo se deu devido à negligência do novo governo com relação a algumas regiões do país, especialmente o Norte, resultando em desvantagens econômicas, pobreza e falta de oportunidades. Eles também se sentiram excluídos dos processos políticos e se opuseram à interferência da Arábia Saudita, alegando que prejudicava seus interesses e influenciava as decisões políticas do país. Essas questões motivaram uma revolta dos Houthis contra o governo Hadi e desencadeou uma guerra civil em 2014. Nesse ano, o

¹ O recorte de Oriente Médio a ser utilizado por esta pesquisa é o de “Grande Oriente Médio”, definido pelo autor Mehdi Parvizi Amineh (2007), que abrange o Norte da África, o Oriente Médio Central, o Afeganistão, o Paquistão e a Eurásia Central. O presente trabalho considera-o mais adequado pois oferece uma abordagem mais ampla e abrangente para delimitar a região, levando em conta as interconexões históricas, culturais e geopolíticas entre os países e permitindo uma compreensão mais completa dos desafios regionais enfrentados. Ademais, a Guerra do Iêmen, tema deste trabalho, envolve não somente os países do Oriente Médio Central – delimitação muitas vezes utilizada –, mas também o Marrocos, que fica localizado no Norte da África.

grupo tomou o controle da capital Sana'a, apoiado por forças leais ao ex-presidente Saleh. Hadi fugiu para o sul do país e contou com o apoio de uma coalizão liderada pela Arábia Saudita, que lançou uma campanha militar em 2015 para restaurar seu governo.

Sendo assim, a Arábia Saudita, de maioria sunita, e o Irã, de maioria xiita, começaram a se envolver indiretamente na contenda, apoiando diferentes partes como *proxies*² e tornando o conflito iemenita mais um caso das suas guerras por procuração. Desde a Revolução Islâmica de 1979, o país persa busca expandir sua influência na região e desafiar o status quo³ liderado pelos Estados Unidos e seus aliados, incluindo o Reino Saudita. Teerã utiliza uma variedade de meios para estender sua influência, incluindo o apoio a grupos e *proxies* no Oriente Médio. Esses grupos, como os Houthis no Iêmen, desempenham papéis importantes nos conflitos em curso nessas nações. O país persa assume uma posição antagônica a Riad na Guerra do Iêmen uma vez que tem o interesse em expandir a sua influência no Oriente Médio por meio das comunidades xiitas e, por esse motivo, concede legitimidade política aos Houthis.

Já a Arábia Saudita, de população majoritariamente sunita, tem parceria histórica com o ocidente – apesar dessa relação estar cada vez mais conturbada – e busca ser uma liderança regional sunita, defendendo a narrativa de que são os melhores representantes do mundo árabe. Essa posição de poder do país o leva a evitar qualquer possibilidade de um governo hostil nos Estados do seu entorno, motivo esse que o fez se envolver no conflito do Iêmen. A partir da predominância xiita nos Houthis e das evidências da utilização de armas provenientes do Irã, Riad desenvolveu a convicção de que o grupo atuava como um *proxy* iraniano. Por essa razão, a Arábia Saudita, juntamente da Coalizão Árabe⁴, passou a atuar na guerra do Iêmen em apoio ao governo reconhecido internacionalmente.

Sendo assim, a influência saudita em países como o Iêmen apresenta-se como uma grande ameaça para o Irã e vice-versa, fazendo com que ambos se envolvam em conflitos como a guerra civil iemenita para conter o avanço um do outro. Analisando historicamente, esses envolvimento de ambos os países são realizados indiretamente, ou seja, por meio de *proxies*, gerando as chamadas guerras *proxy*, ou guerras por procuração.

Este tema é abordado no presente trabalho de conclusão de curso devido ao fato de a balança de poder entre Irã e Arábia Saudita ser considerada uma questão crítica na política

² A definição do termo “*proxy*” será desenvolvida no capítulo 1.

³ Status quo é uma expressão em latim que significa "o estado atual das coisas". Refere-se à situação ou condição existente em um determinado momento, representando o conjunto de circunstâncias, arranjos ou relações estabelecidas e mantidas em um contexto específico.

⁴ Os membros da coalizão são o Marrocos, Sudão, Bahrein, Egito, Jordânia, Kuwait, Emirados Árabes Unidos e Catar, além da Arábia Saudita.

internacional, pois ambos os Estados têm influência significativa no Oriente Médio, podendo afetar conflitos internos de países da região, como o que acontece até o presente no Iêmen. Além disso, este assunto se mostra de extrema importância na atualidade, pois a guerra civil iemenita é considerada uma contenda esquecida devido à mídia e aos países do sistema internacional – especialmente as grandes potências – não darem a devida importância a um conflito que se apresenta como uma tragédia humanitária, com milhares de pessoas mortas ou em situação vulnerável. Por essa razão, estudar um caso pouco abordado amplia a compreensão sobre as dinâmicas do Sistema Internacional (SI), indo além dos casos tradicionais e ocidentais e preparando os futuros internacionalistas a lidarem com a complexidade e diversidade do mundo contemporâneo. Nesse sentido, a pergunta desta pesquisa é: em que medida a guerra do Iêmen se configura como parte da balança de poder entre Irã e Arábia Saudita por meio das guerras *proxy*?

A hipótese para o problema supracitado é que a disputa pelo poder no Oriente Médio tem levado o Irã e a Arábia Saudita a se envolverem em conflitos como a guerra *proxy* travada no Iêmen. Tal conflito tem sido um pano de fundo para a alteração da balança de poder entre as duas potências regionais. O Irã, por um lado, utiliza-se dos Houthis para conseguir influenciar mais um Estado no Oriente Médio e, assim, maximizar seu poder na região, tendo em vista que dominar o território geoestratégico do Iêmen seria de grande desvantagem para países como os Estados Unidos e a Arábia Saudita. Dessa forma, geraria uma mudança no status quo na região. Em contrapartida, considerando que o país persa já exerce influência sobre a Síria, a Arábia Saudita busca estabelecer uma aliança com o Iêmen, pois reconhece sua importância como um fator determinante para a segurança de sua fronteira sul e a proteção de seus interesses comerciais, além de contrabalançar as políticas radicais iranianas.

Esta pesquisa tem como objetivo geral examinar a manifestação da balança de poder entre Irã e Arábia Saudita na Guerra do Iêmen por meio das Guerras *Proxy*. Já os objetivos específicos são: (I) examinar como a busca por maximização do poder através das guerras *proxy* entre Arábia Saudita e Irã agravam a situação do conflito no Iêmen; (II) analisar os gastos de defesa de Irã e Arábia Saudita desde 2014 (ano que antecede a guerra) e sua relação com a contenda; (III) examinar o papel do *proxy* iraniano Houthi na Guerra do Iêmen e o impacto da sua presença no conflito; e (IV) analisar a eficácia das políticas e estratégias implementadas pelos países envolvidos na Guerra do Iêmen em alcançar seus objetivos de poder e influência na região.

Através da metodologia hipotético-dedutiva, o presente trabalho conta com fontes primárias e secundárias. Em relação às fontes primárias, é possível citar as bases de dados do *Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI)* e a do *World Bank*. Já as fontes secundárias tratam-se de artigos de diversos autores que versam tanto sobre conceitos da área quanto analisam as guerras *proxy* entre Irã e Arábia Saudita, além de abordarem sobre o conflito iemenita. Como exemplo destes, são utilizados materiais do *Middle East Institute*, do Núcleo de Estudos do Oriente Médio (NEOM), do *AUSA's Institute of Land Warfare*, dos autores realistas Kenneth Waltz e John Mearsheimer, entre outros. Além destes, são analisadas matérias de jornais e revistas reconhecidos, tais como a *Exame*, *Al Jazeera*, *Monitor do Oriente Médio*, *EFE*, etc. Desta forma, além de uma pesquisa exploratória, também é desenvolvida uma revisão bibliográfica sobre os conceitos da área, assim como análises qualitativas sobre o tema.

Este trabalho de conclusão de curso é dividido em 3 capítulos, além da Introdução e Conclusão. O primeiro conta com a fundamentação teórica sobre o tema, ajudando o leitor a compreender os principais conceitos citados. O segundo dá uma contextualização histórica da formação do Irã e da Arábia Saudita, o que auxilia a entender as principais razões que levaram os dois países a se constituírem como potências regionais. Finalmente, o terceiro capítulo demonstra os resultados da pesquisa sobre como a balança de poder entre a República Islâmica do Irã e o Reino da Arábia Saudita tem impactado a Guerra do Iêmen.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para compreensão de diversos fatores nas relações internacionais do Oriente Médio, faz-se necessário a abordagem de uma ou mais teorias que sejam capazes de explicá-los. Tendo em vista o tema escolhido, considera-se neste trabalho que a ótica neorrealista de Kenneth Waltz⁵, ou realista estrutural, é a ideal nas suas interpretações sobre o comportamento dos países analisados. Conforme abordado por Selis (2011),

o realismo estrutural fundamenta-se na visão de que as teorias reducionistas são incapazes de lograr explicações suficientes sobre a ordem internacional. Para aquela abordagem, o princípio causal responsável pelas regularidades da política internacional deve ser buscado na própria estrutura social do objeto [...]. (p. 37 apud CORRÊA, 2016, p. 44)

Diferentemente do realismo, que afirmava que a natureza do homem e a sua busca pelo poder eram os determinantes das relações entre os Estados, o neorrealismo analisa as relações que decorrem da busca pelo poder e essa variável em si é a característica definidora da estrutura do Sistema Internacional. Portanto, o poder é uma variável chave na análise das relações internacionais, pois é o que define as relações entre os países e suas respectivas posições no SI. Para autores como Kenneth Waltz, essa busca pelo poder decorre da anarquia, que seria a ausência de um governo central que possa impor ordem e regras às nações.

O autor propõe três níveis de análise em sua teoria para compreender os comportamentos dos Estados, os quais são:

- I. Natureza humana: refere-se às características pessoais dos líderes políticos e à forma como essas afetam seu comportamento na arena internacional. Neste nível, as variáveis importantes incluem a personalidade, a experiência e a tomada de decisão dessas lideranças.
- II. Estado: aborda as características internas dos países, como sua estrutura política, econômica e social, e a forma como elas afetam seu comportamento na arena internacional. Neste nível, as variáveis importantes incluem a capacidade do Estado, sua ideologia, seus interesses nacionais e suas percepções de ameaças e oportunidades externas.

⁵ Kenneth Waltz (1924-2013) foi um proeminente teórico das Relações Internacionais e um dos principais acadêmicos no campo do realismo. Ele nasceu nos Estados Unidos e é conhecido por uma de suas obras clássicas intituladas "O Homem, o Estado e a Guerra" ("Man, the State, and War"), publicada em 1959, na qual ele apresentou sua teoria do realismo estrutural nas Relações Internacionais.

III. Sistema internacional: refere-se à estrutura global de poder e à interação entre Estados. Neste nível, as variáveis importantes incluem a distribuição de poder, a balança de poder, as alianças, as organizações internacionais e outros aspectos que afetam as relações entre os países.

Segundo Waltz, as decisões dos países “são moldadas pela presença de outros Estados, assim como pelas interações com eles” (2002, p. 95), isto é, a estrutura do SI afeta os comportamentos das unidades, não sendo possível compreendê-las analisando apenas as intenções individuais. O autor aborda que

uma vez que a dinâmica de um sistema limita a liberdade das suas unidades, o seu comportamento e as resultantes do seu comportamento tornam-se previsíveis. Como esperamos que as firmas respondam a mercados diferentemente estruturados, e os estados a sistemas político-internacionais diferentemente estruturados? Estas questões teóricas requerem que entendamos as firmas como firmas, e os estados como estados, sem dar atenção a diferenças entre eles. As questões são então respondidas por referência ao posicionamento das unidades no seu sistema e não por referência às suas qualidades internas. As teorias sistêmicas explicam por que motivo diferentes unidades se comportam similarmente e, apesar das suas variações, produzem resultantes que se enquadram nos limites esperados.” (WALTZ, 2002, p. 104)

Nesse contexto, os Estados são considerados como atores principais e soberanos que buscam maximizar seus interesses e garantir sua segurança, o que leva à competição e conflito entre eles. Waltz (2002) argumenta que a situação conflitiva é inevitável, pois tais unidades do Sistema Internacional são desconfiadas, egoístas e buscam primeiramente pela sua sobrevivência em um ambiente hostil e incerto. Dessa forma, a guerra torna-se inevitável devido à falta de uma autoridade superior aos Estados para resolver ou evitar os conflitos decorrentes de interesses individuais. Portanto, a anarquia é uma condição permanente que limita as possibilidades de cooperação entre os Estados e gera uma dinâmica de confrontação.

Entretanto, essa estrutura do sistema e a consequente preocupação pela sobrevivência leva à prudência por parte dos Estados; ou seja, as unidades não aumentam as suas capacidades com o fim de atacar as outras, mas sim para se defenderem. Dessa forma, o autor argumenta que “a possibilidade constante de que a força será usada, limita as manipulações, modera as exigências e serve como um incentivo para a resolução das disputas” (WALTZ, 2002, p. 159).

Em relação às consequências da anarquia nas possibilidades de alianças entre Estados, Waltz considera que tal estrutura limita a cooperação e, além disso, argumenta que, ao fazerem alianças, as unidades do sistema internacional temem em relação à distribuição dos ganhos entre

as partes, porque o aumento de poder de um pode resultar na perda do outro. Dessa forma, a incerteza das intenções de uns em relação aos outros impede a confiança e atrapalha a cooperação.

Além do realismo estrutural de Waltz (2002), o conceito de dilema de segurança de Mearsheimer⁶ (2001), representante do realismo ofensivo, também pode ser relacionado com esta pesquisa. No sistema internacional anárquico, os Estados são levados a buscar constantemente aumentar sua própria segurança para proteger seus interesses. Entretanto, esses esforços de segurança podem ser percebidos pelos outros países como ameaçadores, levando-os a também buscar aumentar sua própria segurança. Dessa forma, cria-se um ciclo de ação e reação, resultando em um dilema em que as medidas defensivas de um Estado são interpretadas como ofensivas pelos outros, elevando as tensões e a possibilidade de conflito.

Segundo Mearsheimer (2001), mesmo quando os países não têm intenções agressivas, o Sistema Internacional incentiva um comportamento de busca por poder e segurança, pois a sobrevivência é a principal preocupação dos mesmos. A razão para isso é a incerteza sobre as intenções dos outros Estados e à possibilidade de mudanças nas relações de poder. Assim, o dilema de segurança destaca a dinâmica inerente ao sistema internacional, na qual as medidas defensivas tomadas por um Estado podem ser interpretadas como ameaças pelos outros Estados, aumentando a desconfiança e a possibilidade de escalada de conflitos.

A discussão teórica deste capítulo se aplica à guerra fria entre Irã e Arábia Saudita de maneira que elas são um exemplo da dinâmica competitiva e conflituosa que ocorre no Sistema Internacional anárquico, onde a busca pelo poder e segurança para defesa própria é uma questão central. Ambos buscam maximizar seus interesses nacionais e influência regional, utilizando estratégias de poder e apoio a grupos armados e políticos afins, como forma de alcançar seus objetivos sem uma confrontação direta entre eles. A guerra do Iêmen é um exemplo dessas táticas, onde Teerã e Riad influenciam os *players* da contenda para aumentarem seu poder e, conseqüentemente, sua segurança no Oriente Médio.

⁶ John J. Mearsheimer é um renomado teórico político e professor de Relações Internacionais na Universidade de Chicago. Nascido em 1947, ele é conhecido por suas contribuições no campo do realismo político, particularmente em relação à teoria das relações internacionais. Um dos seus trabalhos mais importantes é o seu livro “A Tragédia da Política das Grandes Potências”, publicado em 2001, no qual desenvolve sua teoria do realismo ofensivo.

2.1 CONCEITUALIZAÇÕES ACERCA DO TEMA

Neste capítulo serão explicados os principais conceitos relacionados às guerras *proxy* entre Irã e Arábia Saudita no conflito do Iêmen, tendo em vista a complexidade do tema. Sendo assim, serão abordados conceitos-chave essenciais para entendimento do motivo da escalada da contenda, tais como Poder, Balança de Poder, Guerras *Proxy* e Guerra Fria.

2.1.1 Explicações teóricas sobre o poder

Para elucidar os principais conceitos acerca do tema deste trabalho, é necessário iniciar pelo básico, ou seja, pela definição de poder. Conforme abordado acima, o poder é a característica definidora da estrutura do Sistema Internacional e um elemento fundamental das relações internacionais, pois, para o realismo, as relações humanas são centradas no poder (SANTOS, 2018). Em sua teoria, Waltz (2002) defende que a distribuição desse elemento entre os Estados é o principal fator que influencia o comportamento desses atores no SI. Segundo ele, o poder é um recurso que pode ser medido em termos de capacidade militar, econômica e tecnológica de um Estado, e que os países tendem a buscar o aumento deste em relação aos demais atores do sistema.

O autor argumenta que não é a natureza humana que motiva os Estados a buscarem poder e segurança, mas sim a estrutura do sistema internacional. Em outras palavras, essa luta por poder acontece devido à ambição de obter a sua própria segurança no cenário internacional em meio ao princípio de autoajuda. A sobrevivência é vista

como a base de acção num mundo onde a segurança dos estados não é garantida e não como uma descrição realista do impulso que está por detrás de qualquer acto do estado. A premissa toma em consideração o facto de nenhum estado actuar sempre exclusivamente para assegurar a sua sobrevivência. (WALTZ, 2002, p. 130)

Para Waltz, os Estados buscam apenas manter seu poder relativo em relação aos outros, em vez de buscarem a hegemonia ou a dominação; ou seja, para garantir sua segurança e sobrevivência, as unidades do sistema devem buscar a autopreservação, o que significa adotar políticas defensivas para evitar a ameaça de outros países. Dessa forma, o equilíbrio de poder é o principal mecanismo para evitar a guerra, uma vez que a distribuição de poder impede a ascensão de um Estado hegemônico e garante que cada Estado tenha a capacidade de se defender.

Ademais,

toda a dinâmica de aquisição e manutenção de poder coloca os Estados em uma posição de competidores em detrimento de uma zona de influência na esfera micro ou macro, onde inúmeras estratégias podem ser adotadas como a aliança e o alinhamento com Estados mais fortes ou o contrabalanceamento a partir de coalizões criadas com o objetivo de gerar uma mudança no status quo. (SANTOS, 2018, p. 8)

Outro conceito muito utilizado nas Relações Internacionais é o de balança de poder, que se refere à distribuição assimétrica de poder entre países e como isso influencia a dinâmica e a estabilidade do sistema internacional. Segundo Waltz, o termo se refere aos “resultados produzidos pelas ações descoordenadas dos Estados” (WALTZ, 2002, p. 170).

Conforme abordado acima, a balança de poder pode ser medida em termos de diversos fatores, como a capacidade econômica, militar, política, tecnológica e diplomática de um país ou ator global. Quando a balança de poder é equilibrada, nenhum país ou ator possui uma clara vantagem sobre os demais, o que pode levar a uma maior estabilidade nas relações internacionais. Por outro lado, quando esta é desequilibrada, com um ou mais atores possuindo uma significativa vantagem em relação aos outros, pode ocorrer um aumento nas tensões, rivalidades e até conflitos entre os atores.

As afirmações supracitadas são explicadas por Waltz no terceiro nível de análise: a distribuição de capacidades entre os Estados através da bipolaridade e multipolaridade. Segundo o autor (1959), existem apenas esses dois tipos de distribuição de recursos, onde a bipolaridade seria a mais estável por envolver dois *hegemons*⁷, ou seja, dois Estados com poder suficiente para influenciar as relações internacionais de forma significativa, onde um atua como contrapeso ao outro. Portanto, cria-se um senso de estabilidade, pois há apenas um inimigo e ambos têm um interesse mútuo em evitar uma guerra direta – como na Guerra Fria –, uma vez que isso poderia levar à sua própria destruição. Além disso, na bipolaridade, há menos incertezas em relação às intenções dos Estados, uma vez que há apenas dois atores principais com os quais se preocupar, o que pode facilitar a previsão de comportamentos e a tomada de decisões mais informadas, reduzindo a possibilidade de erros de cálculo e crises inadvertidas. Por sua vez, no sistema multipolar há a presença de várias potências com níveis de poder aproximados, o que pode levar a uma competição acirrada entre elas e resultar em rivalidades e conflitos frequentes, pois os Estados buscam aumentar sua influência e poder em detrimento de outros. Essa competição pode levar a alianças em constante mudança, coalizões em evolução

⁷ Termo utilizado para se referir a uma entidade ou país que exerce dominação ou influência predominante em relação a outros países.

e uma dinâmica complexa de interesses conflitantes, o que pode aumentar a instabilidade do Sistema Internacional.

Apesar dos argumentos supracitados, é possível haver balanças de poder em nível regional, mesmo que seus atores não tenham necessariamente a mesma influência em escala global (CHEREM, 2019). Esse é o caso do conflito entre Irã e Arábia Saudita, os quais são “líderes regionais hegemônicos, enquanto não necessariamente operam esse mesmo papel no Sistema Internacional. No espectro mundial, macro, são geralmente tidos como Estados periféricos, em uma posição não-ocidental e de Sul Global” (CHEREM, 2019, p. 45). Tais autoridades em níveis regionais também podem ser chamadas de potências regionais e, conforme abordado por Buzan e Weaver (2003), elas são caracterizadas por definirem a polaridade e distribuição de poder onde estão localizadas. Ademais, “suas capacidades são grandes em suas regiões, mas não são registradas de maneira ampla em nível global” (BUZAN; WEAVER, 2003, p. 37, tradução livre).

Outra possível classificação para Estados como o Irã e a Arábia Saudita é a de potências médias, as quais são países “cujas capacidades e compromissos internos permitem-lhe desempenhar apenas papéis restritos e cuidadosamente escolhidos, e assumir iniciativas modestas fora de sua própria região” (SELCHER, 1983, p. 32 apud GERALDO, 2015, p. 36). Portanto, diferentemente das superpotências, as quais têm interesses globais, as aspirações das potências médias limitam-se ao nível regional (GERALDO, 2015).

Os dois países possuem uma rivalidade histórica devido à sua busca por influência regional e são considerados potências no Oriente Médio por uma série de razões, dentre elas suas localizações geográficas estratégicas, recursos naturais significativos – petróleo e gás natural, por exemplo –, influência cultural/religiosa e suas ambições políticas e estratégicas na região. Essa distribuição de capacidades criou uma balança de poder entre os dois Estados, a qual é reforçada através das alianças internacionais que ambos firmam para que a sua influência regional seja fortalecida.

A balança de poder também pode ser influenciada por mudanças na dinâmica internacional, como o surgimento de novos poderes, a ascensão ou declínio econômico de países, a formação de alianças estratégicas, bem como eventos geopolíticos e diplomáticos. A análise da balança de poder é um importante conceito nas relações internacionais, utilizado para compreender as interações entre os países e prever possíveis mudanças na dinâmica global.

2.1.2 Das guerras que explicam a região

Dois conceitos são utilizados para explicarem parte das dinâmicas do Oriente Médio: Guerra Fria e Guerra *Proxy*. O primeiro termo foi criado para definir o conflito entre Estados Unidos (EUA) e União Soviética (URSS) ocorrido de 1945 a 1991, o qual não envolveu combates militares diretos entre os dois países, mas sim competições indiretas por meio de uma corrida armamentista, espionagem, propaganda e guerra política. A questão nuclear foi o principal motivo para que os EUA e a URSS não se confrontassem diretamente, pois ambos possuíam – e ainda possuem – tal armamento, o que traria danos extremamente graves se algum deles viesse a utilizá-lo contra o outro. Dessa forma, devido ao fato de não haver outro poder capaz de alcançar os dois Estados, criou-se um cenário bipolar “estável”⁸ no Sistema Internacional, sem grandes guerras como as duas anteriores.

Por não haverem conflitos diretos, os dois Estados utilizavam-se de terceiros para guerrearem entre si e atingirem seus objetivos, evitando uma escalada direta da contenda, seja por motivos políticos, estratégicos ou diplomáticos. Esse fenômeno também pode ser denominado como Guerra *Proxy* ou Guerra por Procuração, inicialmente definido no período da Guerra Fria como “um confronto entre duas grandes potências usando atores substitutos para evitar um confronto direto” (BAR-SIMAN-TOV, 1984 apud SETTEMBRINI, 2019, p. 4). Dessa forma, *proxies* são entidades que agem como intermediários em uma contenda, representando os interesses de outra parte – não necessariamente uma grande potência ou um Estado em si –, que podem ser tanto grupos armados, paramilitares, organizações internacionais, entre outros. Eles podem receber apoio financeiro, logístico, militar ou político do agente que os patrocina. Em suma, a utilização de *proxies* é cada vez mais recorrente na guerra moderna e não é apenas uma abordagem russa ou americana, mas uma modalidade que muitas nações ao redor do Sistema Internacional adotam (FOX, 2019).

De acordo com Fox (2019), as guerras por procuração não são exclusivas de um tipo de guerra e são relacionamentos transacionais, ou seja, uniões estratégicas em que uma força

⁸ Apesar do cenário bipolar da Guerra Fria ser considerado estável por não ter havido diversas potências com poderes semelhantes se confrontando – como no sistema multipolar –, o mundo não esteve livre de guerras nesse período. Embora as duas principais potências não tenham se engajado em um conflito direto, houve uma série de confrontos indiretos entre ambos, como guerras por procuração, intervenções militares e competições ideológicas que ocorreram em várias partes do mundo. Um sistema bipolar “estável” não implica necessariamente que não haverá guerras, mas sim que as duas principais potências competirão e buscarão exercer influência por meio de estratégias indiretas.

específica age através de outra para alcançar objetivos políticos ou militares temporariamente alinhados. Ademais,

um ambiente *proxy* é aquele marcado por dois ou mais atores trabalhando em direção a um objetivo comum; no entanto, a relação entre os dois atores é hierárquica. O ator principal emprega o agente, ou *proxy*, como intermediário para atingir seus objetivos. Por padrão, o objetivo do principal torna-se o objetivo do agente. (FOX, 2019, p. 3, tradução livre).

Segundo Cherem (2019), tendo em vista que o envolvimento direto de Estados em guerras traz o risco de estes serem vistos como menos confiáveis e mais instáveis, a utilização desta modalidade de conflito é cada vez mais frequente no cenário internacional. As guerras *proxy* possibilitam que um país narre a sua participação na contenda e, conseqüentemente, controle a sua apresentação diante de outros Estados, já que não é um beligerante direto (CHEREM, 2019). Dessa forma, isso permite que suas alianças com outras unidades não sejam quebradas, que investimentos externos sejam mantidos, enormes custos financeiros com armamentos e tecnologias sejam evitados, etc. Além disso, evita-se que seu território seja bombardeado pelo inimigo e que revoltas populares aconteçam.

Uma outra característica das guerras *proxy* no século XXI é a questão do multilateralismo, pois essas são conduzidas em coalizões, que podem ser formalizadas, como os ataques da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) a grupos armados na Líbia durante a Primavera Árabe, ou informais, onde alianças são formadas com base em interesses comuns, como é o caso do apoio do Irã e da Síria ao Hezbollah⁹ em sua luta contra Israel, através da escolha de um mesmo *proxy* (SETTEMBRINI, 2019). Nesse sentido, a informalidade torna-se mais atraente na assistência aos grupos *proxies* em situações em que o confronto militar direto envolve riscos desnecessários e a diplomacia é ineficaz (KISSINGER, 1976 apud SETTEMBRINI, 2019).

O relacionamento entre Irã e Arábia Saudita é um exemplo de guerra fria, tendo em vista que ambos assumem papéis antagônicos no Oriente Médio e buscam o protagonismo na região sem guerrearem-se diretamente. Após a Primavera Árabe, os dois Estados passaram a influenciar indiretamente o andamento dos conflitos em alguns países do entorno, como a Síria, o Líbano e o Iêmen. No caso do último país citado, Teerã e Riad aproveitam-se da guerra-civil iemenita para aumentarem seu poder e, conseqüentemente, diminuírem a influência um do outro

⁹ O Hezbollah é uma organização político-militar xiita formada em 1982, a qual é baseada no Líbano e é conhecida por sua luta armada contra Israel.

na região. A Arábia Saudita fornece apoio ao governo para que este seja restaurado e, em contrapartida, o Irã financia o grupo rebelde Houthi, ambos através do apoio militar, econômico, político e estratégico. Neste cenário, “o uso da guerra proxy parece ser a única forma de a República Iraniana e o Reino Saudita se estabelecerem como potências regionais” (SETTEMBRINI, 2019, p. 8, tradução livre).

2.2 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O presente capítulo abordou a teoria neorrealista de Kenneth Waltz e os principais conceitos relacionados ao tema deste trabalho, os quais auxiliam no entendimento da contenda em questão. A perspectiva do realismo estrutural de Waltz (2002) argumenta que os Estados buscam maximizar sua segurança no Sistema Internacional, pois a competição pelo poder pode levar a conflitos e ameaças à sua sobrevivência. Nesse sentido, o envolvimento do Irã e da Arábia Saudita em guerras *proxy* pode ser entendido como uma forma de proteger seus interesses nacionais e garantir sua segurança regional. Dessa forma, as guerras por procuração entre o Irã e a Arábia Saudita e o envolvimento desses dois países na guerra do Iêmen podem ser explicados a partir da lógica da competição pelo poder e pela segurança, que são ocasionadas pela estrutura do Sistema Internacional.

A anarquia do Sistema Internacional faz com que Teerã e Riad busquem pela maximização de poder para sobreviverem nesse ambiente hostil. Essa busca pelo aumento de influência se dá muitas vezes através de procurações e intervenções em conflitos de outros países, o que contribui para a complexidade dos desafios enfrentados na região. A rivalidade entre ambos continua a influenciar a geopolítica do Oriente Médio, exacerbando a instabilidade e os conflitos existentes, assim como a Guerra do Iêmen.

Sendo assim, a fundamentação teórica deste capítulo auxiliará a entender como Teerã e Riad se constituíram como potências regionais e a razão de ambos buscarem exercer influência sobre os Estados vizinhos em todo o Oriente Médio. Ademais, a lógica de obtenção de segurança no sistema internacional abordada neste capítulo ajudará na compreensão do envolvimento dos dois países na guerra do Iêmen e como esta se configura como parte da balança de poder entre o Irã e a Arábia Saudita.

3 A CONSTITUIÇÃO DO IRÃ E ÁRABIA SAUDITA COMO POTÊNCIAS REGIONAIS: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O Irã e a Arábia Saudita ocupam posições extremamente importantes na dinâmica de poder do Oriente Médio e suas ações podem ter grandes repercussões para a estabilidade da região. No entanto, a relação entre ambos tem sido tensa há décadas, com os dois países competindo por influência na região e adotando diferentes abordagens para a política regional. O Irã vê a si mesmo como um líder natural do mundo xiita e tem apoiado grupos que seguem essa vertente em todo o Oriente Médio, além de se posicionar contra a dominação ocidental. A Arábia Saudita, por outro lado, tem se esforçado para impedir o avanço da influência iraniana na região, apoiando grupos sunitas e se aliando às potências do Ocidente, como os Estados Unidos – ainda que essa relação esteja cada vez mais tensionada ao longo dos anos.

A relação entre os dois países se deteriorou ainda mais nos últimos tempos, especialmente desde o início da Guerra do Iêmen, tema central deste trabalho. Devido à importância do Irã e da Arábia Saudita no Oriente Médio, faz-se necessário discorrer brevemente sobre a história de ambos os países para, assim, entender o motivo dos dois serem potências regionais atualmente e se envolverem em conflitos locais, como o do Iêmen.

3.1 FORMAÇÃO DA ARÁBIA SAUDITA: DA ARÁBIA ATÉ A ATUALIDADE

A Arábia Saudita, ou Reino da Arábia Saudita, é uma das potências da região – junto ao Irã – e exerce grande influência sobre as nações do entorno. O país possui 17% das reservas de petróleo do mundo e a segunda maior capacidade produtiva, atrás apenas dos Estados Unidos¹⁰, sendo também o principal exportador da commodity capaz de aumentar sua produção durante crises mundiais (GASTALDI; MENDONÇA, 2019). A questão petrolífera o destaca como ator importante na região para defesa de interesses estratégicos do Ocidente, especialmente dos EUA, fazendo com que Riad seja essencial para a balança de poder local. A Arábia Saudita, inclusive, foi o primeiro país do Oriente Médio a aliar-se ao Estado norte-americano no século XX, sendo um importante comprador de armamentos produzidos pelo país e concedendo a permanência de empresas estadunidenses produtoras de petróleo em seu território desde o século passado.

¹⁰ Fonte: EXAME (2023). Disponível em: <https://exame.com/mundo/os-15-maiores-produtores-de-petroleo-do-mundo-brasil-esta-na-9a-posicao/>.

Ademais, o fato de o reino saudita ser o centro da fé islâmica com as cidades sagradas de Meca e Medina e a localização estratégica na Península Arábica para o comércio marítimo global são outras questões que o fazem ocupar um papel central no Oriente Médio. Diante disso, faz-se necessário abordar brevemente sobre a história do país e discorrer sobre os principais fatores que o levaram a alcançar a posição de potência regional.

A história da região que hoje é conhecida como Arábia Saudita é longa e diversificada; antes de se tornar um Estado consolidado, o território passou por diversos reinados e dominações estrangeiras. A região da Península Arábica era habitada por tribos nômades e seminômades que viviam da criação de camelos, cabras e ovelhas, além do comércio. O local era uma importante rota de comércio, conectando a Ásia, a África e a Europa; e a cidade de Meca, no oeste da atual Arábia Saudita, se tornou um importante centro de comércio e peregrinação religiosa.

A partir do século VII, a região começou a ser influenciada pelo Islã, com a chegada do profeta Maomé e a fundação da cidade sagrada de Meca. Durante os centenários seguintes, o local passou por diferentes dinastias árabes, como os Omíadas (661-750), Abássidas (750-1517) e Fatímidas (909-1171). No século XVI, a região passou a ser governada pelo grande império transcontinental Otomano, o que deu início ao descontentamento popular e desejo de criação de uma Arábia Saudita independente (CHEREM, 2019).

No século XVIII, a dinastia Al Saud, liderada por Muhammad bin Saud, uniu-se ao clérigo islâmico Muhammad bin Abd al-Wahhab, dando origem ao movimento conhecido como Wahabismo, que se tornou a base ideológica do futuro Estado saudita. Essa vertente pregava um retorno aos valores originais do Islã e condenava a idolatria e outras práticas consideradas contrárias à fé islâmica. O movimento se espalhou rapidamente pela região e foi adotado por muitas tribos nômades e seminômades, que se uniram em torno da liderança da dinastia Al Saud e formaram o primeiro Estado saudita.

No final do século XIX, os Otomanos tentaram retomar o controle da Península Arábica, o que levou a uma série de conflitos entre as tribos locais e as forças otomanas. Em 1902, Abdulaziz Al Saud, conhecido como Ibn Saud, liderou um exército para conquistar a cidade de Riad e, nos anos seguintes, conquistou outras cidades e territórios, consolidando o controle da família Al Saud sobre grande parte da Península Arábica.

Durante a Primeira Guerra Mundial, os britânicos apoiaram Ibn Saud em sua luta contra os Otomanos, com a esperança de garantir o acesso aos poços de petróleo da região. Em

1916, os britânicos e os franceses assinaram secretamente o Acordo Sykes-Picot¹¹, que estabeleceu as fronteiras da região após a guerra e dividiu a Península Arábica em várias áreas de influência. O Reino Hachemita da Jordânia foi estabelecido no leste da região, enquanto os britânicos assumiram o controle da Mesopotâmia (atual Iraque) e do Kuwait.

Em 1932, Ibn Saud unificou as diferentes regiões sob seu controle para formar o Reino da Arábia Saudita, tornando-se seu primeiro monarca. Desde então, o país tem sido governado pela família Al Saud, que mantém uma estreita relação com a corrente wahabita do Islã e tem desempenhado um papel importante na promoção e difusão dessa vertente islâmica em todo o mundo.

A descoberta de grandes reservas de petróleo em 1938 e a criação da *Saudi Arabian Oil Company* (Saudi Aramco) em 1941 – formada por um consórcio de empresas petrolíferas dos Estados Unidos –, foram elementos fundamentais para o sucesso e a estabilidade econômica do novo Estado saudita. A aliança política com os Estados Unidos consolidada em 1945 e a oposição ao colonialismo europeu marcaram a posição e o alinhamento do novo reino no cenário internacional, permitindo que as receitas vindas do petróleo crescessem significativamente (CHEREM, 2019).

A política externa da Arábia Saudita sofreu mudanças significativas ao longo do tempo. O Estado saudita foi ameaçado pelo surgimento de ideologias como o Nasserismo no Egito e o Baathismo no Iraque e na Síria por serem potenciais revoluções transnacionais, o que fizeram o então rei Faisal desenvolver políticas islâmicas contra estratégicas

“que minaram as reivindicações mais amplas do nacionalismo árabe e estabeleceram a Arábia Saudita como importante ator na política regional árabe após décadas na periferia do Oriente Médio dominado pelo Egito. Era o início da liderança regional saudita.” (CHEREM, 2019).

A Guerra dos Seis Dias em 1967¹² e a Guerra do Yom Kippur¹³ em 1973 causaram mudanças na política externa saudita e em suas relações com os Estados Unidos, alimentando

¹¹ A divisão dos territórios do Oriente Médio pelos dois países da Europa foi arbitrária e negligenciou as necessidades e desejos dos povos locais, perpetuando uma dinâmica de dominação e exploração por parte das potências coloniais europeias.

¹² A Guerra dos Seis Dias foi iniciada por Israel em resposta à mobilização militar e ameaças dos países árabes vizinhos, especialmente do Egito e da Síria. A guerra resultou em uma vitória decisiva de Israel, que conseguiu conquistar e ocupar os territórios da Península do Sinai, Faixa de Gaza, Colinas de Golã, Cisjordânia e Jerusalém Oriental. O desfecho da guerra alterou significativamente o equilíbrio de poder na região, estabelecendo Israel como uma potência militar dominante e provocando importantes implicações políticas e territoriais no conflito israelense-palestino.

¹³ A Guerra do Yom Kippur foi iniciada pelos países árabes liderados pelo Egito e pela Síria com o objetivo de recuperar os territórios ocupados por Israel na Guerra dos Seis Dias, em 1967. A coalizão árabe lançou ataques-surpresa contra Israel em uma tentativa de obter ganhos territoriais e reverter as derrotas anteriores. No

a tensão entre os dois países¹⁴. O rei Faisal empreendeu uma iniciativa para fortalecer a religião islâmica no Oriente Médio e em todo o mundo por meio da criação da Organização da Conferência Islâmica (OCI) em 1969, que buscava – e ainda busca – a solidariedade, cooperação e defesa dos interesses do mundo muçulmano, combate à discriminação em relação ao Islã, resolução de conflitos e promoção do desenvolvimento econômico e social nos países muçulmanos, além de atuar como um fórum para o diálogo global.

Apesar de ter se tornado líder regional depois dos anos 60 no Oriente Médio, a Arábia Saudita passou por uma série de crises na década de 80 decorrentes dos conflitos que ocorreram na região e do distanciamento dos Estados Unidos. O país, que anteriormente era um importante aliado dos EUA na região, se viu cada vez mais isolado à medida que a influência americana declinava e o Oriente Médio passava por uma série de turbulências. A Revolução Iraniana de 1979, que derrubou o xá pró-Occidente do Irã e levou ao poder uma liderança islâmica fundamentalista xiita, foi um grande desafio para a Arábia Saudita, que se viu confrontada com um novo inimigo ideológico na região. Além disso, a invasão soviética ao Afeganistão no mesmo ano trouxe preocupações de segurança para o reino, que temia a influência comunista se espalhando pelo Oriente Médio.

A Guerra Irã-Iraque na década de 80 e a Guerra do Golfo nos anos 90 foram outros eventos que afetaram significativamente a Arábia Saudita, pois a primeira levou a um aumento da tensão entre sunitas e xiitas e a segunda foi uma ameaça direta à segurança do reino saudita, que se viu ameaçado pela invasão do Kuwait pelas forças iraquianas lideradas por Saddam Hussein. Em meio a essas crises, a Riad teve que lidar com a crescente insatisfação interna, especialmente entre os jovens, que exigiam reformas políticas e sociais. O país, no entanto, não desmoronou graças ao apoio entre a família real e as hierarquias religiosas, que contribuíram para maior estabilidade interna e asseguraram a continuidade do governo saudita.

3.1.1 A Arábia Saudita no século XXI

O início do século XXI, mais especificamente após os ataques ocorridos em 11 de setembro de 2001, foi desafiador para as nações do Oriente Médio, pois evidenciou o racismo cultural do Ocidente ao generalizar os povos árabes como parte da “ameaça terrorista” mundial.

entanto, Israel conseguiu repelir os ataques e, eventualmente, lançou contraofensivas bem-sucedidas, mantendo o controle dos territórios conquistados anteriormente.

¹⁴ Durante ambos os conflitos, os Estados Unidos tomaram uma posição pró-Israel, fornecendo apoio militar e político ao Estado judeu. Essa aliança foi interpretada negativamente pelos países árabes, incluindo a Arábia Saudita, que consideraram os Estados Unidos como um aliado injusto e parcial.

O evento teve consequências significativas para a Arábia Saudita, pois a maioria dos sequestradores dos aviões eram sauditas, o que aumentou a pressão internacional sobre o país para enfrentar o terrorismo. Isso expôs uma série de problemas internos, incluindo a disseminação do wahabismo, uma forma ultraconservadora de islamismo, e a presença de extremistas muçulmanos dentro do país.

Além disso, a invasão do Iraque pelos Estados Unidos em 2003 levou a uma maior pressão de Washington em relação à Riad, já que o país se absteve do conflito e os EUA exigiam que a Arábia Saudita tomasse uma decisão sobre qual dos dois lados apoiar. Devido à sua importância para a balança de poder regional, era essencial para o Estado norte-americano que os sauditas apoiassem a invasão ao território iraquiano. O equilíbrio entre essas duas relações era delicado e crucial para Riad, pois, por um lado, os EUA ocupavam uma posição importante para a Arábia Saudita, tendo em vista que eram seu parceiro militar e comercial mais importante; por outro, apesar de ser contra o regime baathista de Saddam Hussein, o Iraque separa os territórios saudita e iraniano – adversários desde a Revolução Iraniana de 1979 –, logo, desempenhava um papel importante na estabilidade da região (CHEREM, 2019) como um *buffer state*¹⁵.

Anos mais tarde, com o advento da Primavera Árabe em 2011, o Estado saudita enfrentou o temor das revoltas também afetarem seu território, tendo em vista que o movimento derrubou alguns regimes aliados. Embora em menor escala do que em outros países, a Arábia Saudita chegou a ser afetada por protestos internos, mas conseguiu suprimi-las usando a força policial, prendendo ativistas políticos e defensores dos direitos humanos. Além disso, medidas econômicas foram implementadas para melhorar as condições de vida da população e, conseqüentemente, a satisfação popular. O governo do rei Abdullah anunciou pagamentos diretos e indiretos de US\$ 130 bilhões para combater o desemprego e a escassez de moradias no país. A Arábia Saudita também adotou uma postura mais ativa para combater as ameaças às monarquias do Golfo, recorrendo à cooperação do CCG para conter a insurgência no Bahrein e as revoltas em Omã. Dessa forma, o cenário conturbado nos países vizinhos ao reinado saudita “seria o marco do início de uma atuação mais incisiva dos sauditas no cenário regional, de maneira a tentar controlar os destinos políticos das revoltas árabes a seu favor” (DE MELO, 2016, p. 70).

¹⁵ Um “*buffer state*” (estado tampão, em português) é um país ou território localizado entre dois estados ou regiões geopoliticamente relevantes. O objetivo principal de um *buffer state* é servir como uma zona de amortecimento ou “amortecedor” entre as duas entidades, ajudando a prevenir ou reduzir conflitos diretos entre elas.

Atualmente, a Arábia Saudita tem sido criticada por suas posturas em conflitos no Oriente Médio, como seu envolvimento nas guerras do Iêmen e da Síria, que causaram crises humanitárias graves nos dois países. Em 2018, a morte do jornalista Jamal Khashoggi¹⁶ no consulado saudita em Istambul gerou um grande escândalo internacional, o que levou a uma pressão crescente sobre o reino saudita por parte dos Estados Unidos e de outras nações. Dessa forma, apesar do fato de que a Arábia Saudita vem tomando medidas para aumentar a participação das mulheres no mercado de trabalho e na política, o país ainda vem violando os direitos humanos, em especial os direitos das minorias religiosas e étnicas, além de punir severamente os dissidentes políticos. Entre as violações mais comuns estão a detenção arbitrária, tortura e maus tratos, restrição à liberdade de expressão e de imprensa.

3.2 A FORMAÇÃO DO IRÃ: DA PÉRSIA ATÉ A ATUALIDADE

O Irã, oficialmente conhecido como República Islâmica do Irã, é uma nação de história complexa que lhe confere uma grande importância no Oriente Médio e no mundo. Diferentemente de grande parte dos Estados da região, o país não tem origem árabe, mas sim persa, o que o coloca em uma certa distância política, linguística e religiosa em relação às nações da região – em especial do Mashrek e do Magreb¹⁷ (CHEREM, 2019).

Há várias razões pelas quais o Irã é considerado um Estado de grande relevância no Oriente Médio, incluindo sua localização estratégica, influência cultural, dimensão econômica e seu papel político na região. Para melhor compreensão desses fatores, é necessário fazer uma breve contextualização da história do país, desde a Pérsia até a formação do Estado iraniano, abordando também o pós-revolução de 1979 e as suas implicações para a balança de poder do Oriente Médio.

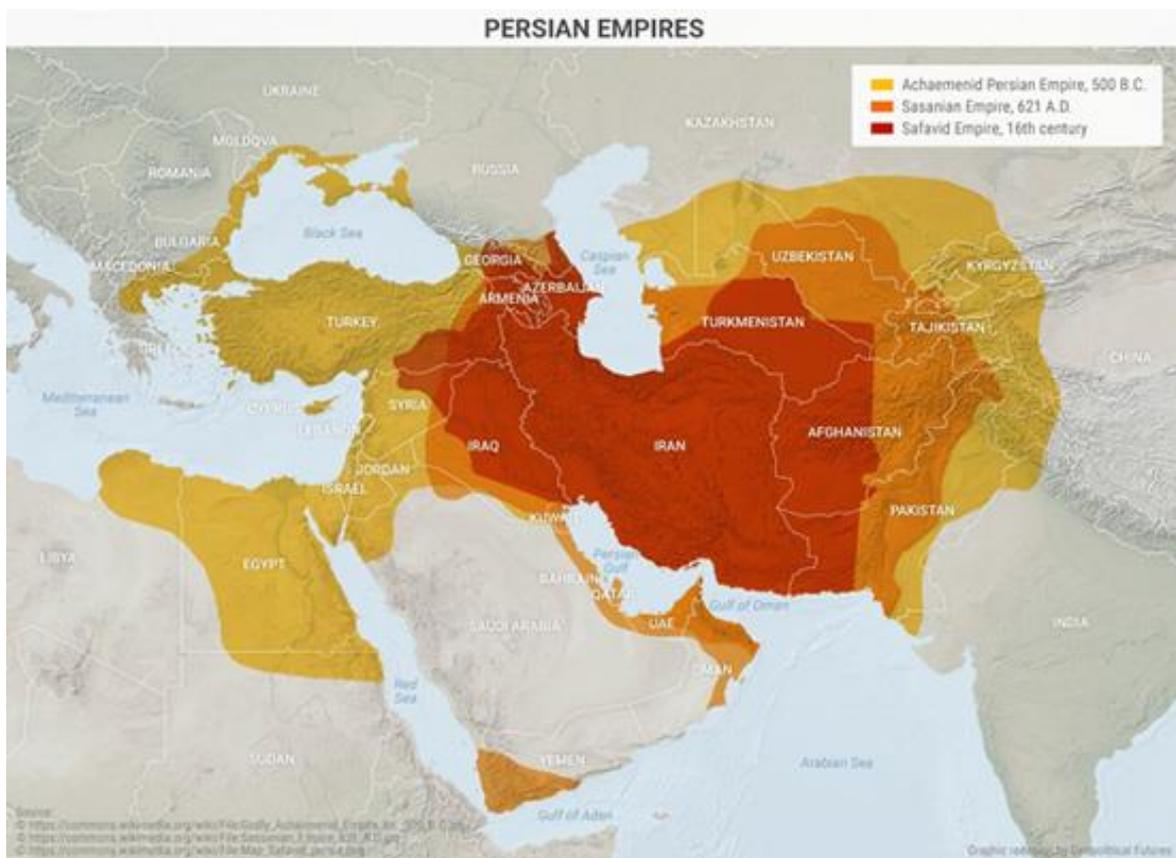
Antes de ser conhecido oficialmente como “Irã”, o país era chamado de Pérsia até o ano de 1935, a qual foi uma das civilizações mais expressivas da história devido à sua influência em diversos territórios do mundo, conforme demonstra a figura 3. A sua história remonta do

¹⁶ De acordo com Guimón (2021), acredita-se que o assassinato tenha sido ordenado por altos funcionários do governo saudita devido à sua crítica ao regime e às suas opiniões sobre questões políticas no Oriente Médio. Khashoggi era um colunista do jornal *The Washington Post* e um crítico aberto do príncipe herdeiro saudita, Mohammad bin Salman.

¹⁷ Segundo Bartel (2019), Mashrek e Magreb são classificações territoriais utilizadas pelas populações localizadas ao redor da Península Arábica. A primeira designa a parte oriental do Mundo Árabe, tendo como significado “levantado” (direção do nascer do sol). Ela engloba “todos os países situados a leste da Líbia – neste caso, incluindo o Egito, Sudão, o Norte do Sudão do Sul, o Extremo Oeste da Etiópia, Eritreia, Djibuti e a Somália” (BARTEL, 2019). Em contrapartida, o Magreb representa o lado ocidental, que seria o “poente” e abrange o Marrocos, Argélia, Tunísia, Mauritânia, Líbia e o Saara Ocidental (BARTEL, 2019).

primeiro milênio, quando povos arianos como os persas e medos migraram da Ásia Central para o planalto iraniano, os quais estabeleceram-se ao sul e ao norte, respectivamente. Os medos acabaram dominando aquela região e, conseqüentemente, a população que ali habitava. Entretanto, no ano de 550 a.C., Ciro, príncipe persa conhecido como o Grande, iniciou uma rebelião contra os medos e pôs fim ao Reino Médio, marcando o surgimento do Império Persa sob a dinastia dos Aquemênidas, que englobava todos os povos que viviam naquela área.

Figura 1 – Alcance dos principais Impérios Persas



Fonte: TeachMideast apud Cherem (2019)

Os Aquemênidas foram os responsáveis por uma das maiores e mais poderosas civilizações da antiguidade, que governou vastas áreas do Oriente Médio e da Ásia Central por mais de dois séculos. Sob o domínio dessa dinastia, o Império Persa foi caracterizado por uma administração centralizada e baseado em satrapias, ou províncias, que respeitavam os antigos limites políticos dos povos conquistados (TURCI, [20--]).

Após o fim dos Aquemênidas, o Império Persa passou pelas dinastias Selêucida (312 a.C. - 247 a.C.) e Parta (247 a.C. - 224 d.C.), sendo a Sassânida (224 d.C. - 651 d.C.) a última pré-islâmica, responsável por influenciar a cultura romana, indiana e chinesa (CHEREM,

2019). No entanto, em 651 d.C., os muçulmanos árabes utilizaram sua superioridade militar e tática para subjugar os Sassânidas, conquistando a Pérsia e nomeando seu território como “Província de Jibal”. A conquista islâmica teve várias implicações, como a mudança do zoroastrismo para o islã como religião dominante, o que levou a uma assimilação gradual dos costumes e tradições persas com a cultura islâmica. A administração passou a ser realizada com a introdução da sharia (lei islâmica) e a nomeação de muçulmanos para governarem o território.

O Império Safávida (1501 d.C. a 1736 d.C) foi um período considerado de extrema importância na história persa, pois definiu o xiismo como sua religião oficial. Essa união entre política e religião fortaleceu a identidade persa e promoveu a disseminação do xiismo como a principal corrente islâmica no Irã até hoje. Além disso, tal império estabeleceu rotas comerciais importantes, expandindo o comércio tanto internamente quanto com outras regiões, incluindo a Europa e a Ásia. Após os Safávidas, vieram as dinastias Afexárida (1736 d.C. - 1796 d.C.), Zande (1750 d.C. - 1794 d.C.), Qajar (1794 d.C. - 1925 d.C.) e Pahlevi (1925 d.C. - 1979 d.C.).

Durante o período Qajar, a Pérsia entrou em contato mais direto com as potências ocidentais. Essas interações trouxeram mudanças significativas em vários aspectos da sociedade iraniana, incluindo cultura, economia e tecnologia. O país se envolveu em tratados comerciais e diplomáticos com países europeus, como o Tratado de Golestan (1813)¹⁸ e de Turkmenchay (1828)¹⁹ com a Rússia e os Acordos de Erzurum (1823)²⁰ com o Império Otomano; expandindo seu alcance além da região. Sob a Dinastia Qajar, houve uma transição da economia persa da agricultura e pastoreio para o petróleo, pois a demanda mundial por essa *commodity* levou ao interesse externo na região, com a Rússia e o Reino Unido obtendo concessões para explorar campos petrolíferos. Embora tenha havido crescimento econômico, a distribuição da riqueza se tornou mais desigual, agravando as disparidades socioeconômicas.

Com isso, a Dinastia dos Qajares teve fim em 1925 com um golpe de Estado liderado por Reza Pahlevi Khan, também conhecido como Reza Xá, um general do exército persa. Ele depôs o último monarca Qajar, Ahmad Shah Qajar, e estabeleceu-se como o novo Xá do país,

¹⁸ O Tratado de Golestan foi firmado após uma das guerras russo-persas e resultou na perda de territórios da Pérsia para a Rússia, como a Geórgia, a maioria do Azerbaijão, o Daguestão e partes do norte da Armênia. Ver em (PRESIDENTIAL LIBRARY, 2023).

¹⁹ Assim como o tratado de Golestan, o acordo de Turkmenchay também resultou na perda de territórios da Pérsia para a Rússia após uma das guerras russo-persas, como territórios que hoje correspondem às partes meridionais do Azerbaijão, à Armênia e à província de Iğdir, que agora faz parte da Turquia. Ver em (PRESIDENTIAL LIBRARY, 2023).

²⁰ Este tratado definiu as fronteiras entre os dois impérios, encerrando conflitos anteriores. Ele estabeleceu os limites territoriais e reconheceu certas regiões como pertencentes ao Império Otomano, resultando na perda de territórios para a Pérsia. Ver em (BAGHOOLIZADEH, 2012).

mas sem o apoio do clero e da democracia, dois setores imprescindíveis para uma boa governança. Reza Xá instituiu um governo centralizado e adotou uma abordagem autoritária para governar o país, suprimindo a oposição política e restringindo a liberdade de imprensa e expressão.

Seu governo foi caracterizado por uma série de reformas e políticas destinadas a modernizar e ocidentalizar a Pérsia, como a abolição do uso do véu obrigatório para as mulheres – enfrentando forte oposição dos mais religiosos – e o direito ao voto feminino. Reza Khan também buscou modernizar a economia do Estado, incentivando a industrialização, a construção de infraestrutura e a expansão do setor petrolífero. Um outro feito significativo do Xá foi a mudança do nome do país para Irã em 1935, que na língua persa significa “terra dos arianos”, uma referência à etnia dos seus ancestrais.

Em 1941, durante a Segunda Guerra Mundial, o Irã foi ocupado por forças da Grã-Bretanha e da União Soviética como parte de uma operação conjunta para garantir o suprimento de petróleo iraniano e evitar que o Estado fosse subjugado aos nazistas alemães. Reza Khan, que buscava estabelecer uma política de neutralidade em relação à guerra, foi considerado pró-Alemanha pelos britânicos e pelos soviéticos, que o acusaram de ser uma ameaça aos seus interesses na região. Pressionado pelas potências estrangeiras, o Xá foi forçado a abdicar em favor de seu filho, Mohammad Reza Pahlevi, que tinha apenas 21 anos na época.

Ele assumiu o trono e governou o Irã com o apoio especialmente do Reino Unido e dos Estados Unidos, que buscavam garantir a continuidade dos interesses ocidentais naquele território, incluindo o acesso ao petróleo iraniano. O novo Xá buscava um apelo popular em seu governo, então Mohammed Mosadegh foi eleito primeiro-ministro em 1951. Ele implementou reformas agrárias e a estatização da indústria petrolífera, o que gerou medo da ameaça comunista ao clérigo e ao Ocidente. Dessa forma, com o apoio dos EUA e da CIA (Agência Central de Inteligência), Mosadegh renunciou em 1953.

Com o apoio ocidental, o Xá passou a ser mais confiante em sua governança e tinha uma percepção irrealista de aprovação nacional, pois os opositores do governo eram reprimidos pelos EUA e pela polícia secreta nacional, a SAVAK²¹ (CHEREM, 2019). Os interesses do Ocidente no território iraniano durante o governo de Pahlevi eram principalmente de natureza econômica e geopolítica. O Irã possuía grandes reservas de petróleo, uma fonte estratégica de energia para o ocidente, incluindo os Estados Unidos, que tinha grandes preocupações quanto

²¹ Criada por Mohammad Reza Pahlevi com assistência da CIA, a SAVAK foi a polícia secreta e o serviço de inteligência que operou no Irã de 1957 a 1979.

à diminuição das suas reservas nacionais desde a Segunda Guerra Mundial (KLARE, 2006). Dessa forma, o governo iraniano concedeu autorização para empresas petrolíferas estrangeiras se instalarem em seu território.

No entanto, ao longo dos anos, a insatisfação popular cresceu, especialmente entre os setores mais conservadores da sociedade iraniana, incluindo os clérigos muçulmanos, estudantes e grupos de oposição, que alegavam que o governo de Pahlevi era corrupto, pró-ocidental e distante das tradições e valores iranianos. Isso culminou na Revolução Islâmica de 1979, liderada pelo Aiatolá Ruhollah Khomeini, que resultou na queda do governo de Mohammad Reza Pahlevi e no estabelecimento de uma república islâmica no Irã.

Desde os primórdios, os muçulmanos xiitas viam-se como uma classe oprimida enfrentando os ricos e poderosos, remetendo ao padrão de justiça social estabelecido pelo Profeta. Essa conexão entre a fé religiosa e a justiça social é justamente a chave para compreender a Revolução Iraniana de 1979, igualmente como para algumas outras anteriores. (CHEREM, 2019, p. 22)

3.2.1 As implicações da Revolução Islâmica de 1979 na atualidade

Conforme visto acima, as reformas e o estreitamento de relações com o ocidente promovidos por Reza Pahlevi durante seu governo trouxeram consigo a desigualdade social e a perda da identidade cultural, o que gerou uma reação contrária de diferentes setores da sociedade iraniana. Sendo assim, em janeiro de 1979, a Revolução Islâmica foi proclamada pelos xiitas islâmicos liderados pelo Aiatolá Rouhollah Khomeini, que derrubaram o governo do Xá Reza Pahlevi com o objetivo de combater o processo globalizador promovido pelas grandes potências (SANTO; BALDASSO, 2017). O novo regime estabeleceu um sistema teocrático, com Khomeini como líder supremo, passando por uma grande transformação social e política através da implementação de políticas islâmicas em áreas como a educação, cultura, economia e justiça. As mulheres foram obrigadas novamente a usar o hijab, com a fiscalização dos Comitês da Revolução Islâmica²², e as leis foram implementadas com base na sharia. A revolução também resultou em uma intensa perseguição política, com a repressão de oponentes ao regime, prisões arbitrárias, torturas e execuções (THE GUARDIAN apud MATTEO, 2020), levando a uma crise de refugiados, com muitos iranianos deixando o país em busca de asilo político em outros lugares.

²² Os Comitês da Revolução Islâmica eram vinculados à Guarda Revolucionária e patrulhavam as ruas e espaços públicos, garantindo que as pessoas estivessem vestidas adequadamente e respeitassem as normas islâmicas (LADEIRA, 2022), como o uso do hijab pelas mulheres.

A Revolução Islâmica provocou um novo conflito no sistema bipolar vigente (SANTO; BALDASSO, 2017) e teve um impacto significativo não apenas no Irã, mas em outros países do Oriente Médio e do mundo. Ela ocasionou uma mudança na geopolítica da região, “rompendo com a frágil ordem local e estremecendo a emergente aliança de forças moderadas no Oriente Médio” (SANTO; BALDASSO, 2017, p. 71). O país tornou-se mais nacionalista, religioso e abandonou sua aliança com os Estados Unidos, o que levou ao seu isolamento diplomático em relação ao ocidente e à sua demonização pelo mesmo durante a Guerra Fria, sendo posteriormente denominado como integrante do “eixo do mal” pelo então presidente norte-americano George W. Bush em 2002²³. Portanto, o novo cenário exigiu que o mundo ocidental se adaptasse às novas normas regionais impostas pela nova república islâmica, indo contra qualquer tipo de dominação externa.

A revolução mudou as alianças regionais do Irã, especialmente com Israel, que perdeu seus laços com o país após o fechamento da embaixada israelense em Teerã em 1979. O Iraque também rompeu relações através da invasão iraquiana em 1980, motivada pelo desejo de Saddam Hussein de lutar contra a revolução iraniana, tendo em vista que o país era majoritariamente sunita. A criação do Conselho de Cooperação do Golfo (CCG) em 1981 pelo Bahrein, Kuwait, Catar, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita e Omã foi uma resposta à capacidade militar do Irã e às políticas de exportação da revolução para outros países do Oriente Médio (SANTO; BALDASSO, 2017).

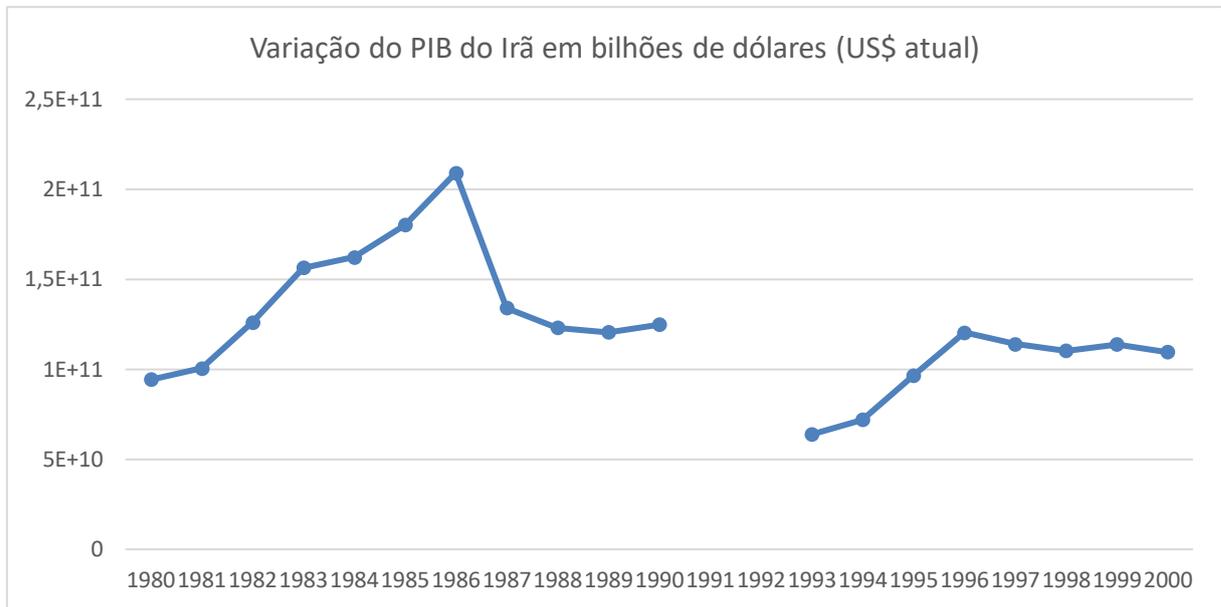
O Irã vive um isolamento em relação ao ocidente até a atualidade, com os Estados Unidos aplicando embargos econômicos ao país desde a época da revolução. O primeiro foi imposto em 1980, em resposta à tomada de reféns na embaixada estadunidense em Teerã e incluía a proibição de todas as importações iranianas para os EUA e a suspensão de todos os acordos comerciais bilaterais. Essa e outras diversas sanções²⁴ impostas ao Irã impactam diretamente sua economia e população, sendo um dos motivos para que o país tivesse dificuldades em se desenvolver nos anos seguintes até a atualidade. O Produto Interno Bruto

²³ Bush denominou como “eixo do mal” países como o Iraque, o Irã e a Coreia do Norte no discurso proferido em 2002 numa sessão conjunta no Congresso estadunidense: “Estados como estes, e seus aliados terroristas, constituem um eixo do mal, armando-se para ameaçar a paz do mundo. Ao buscar armas de destruição em massa, estes regimes representam um grave e crescente perigo. Em cada um destes casos, o preço da indiferença seria catastrófico” (BUSH, 2002 apud BLINDER, 2006).

²⁴ Outros exemplos de sanções impostas ao Irã foram: as sanções realizadas em 1996 pelos EUA contra empresas que investem nos setores de petróleo e de gás provenientes do Irã; a proibição de bancos estadunidenses em mediar o trânsito de fundos com o Irã em 2008; a resolução 1737 (23 de dezembro de 2006) do Conselho de Segurança das Nações Unidas que previu sanções comerciais e econômicas contra dez entidades relacionadas aos programas nuclear e de mísseis do Irã; a proibição da União Europeia de ocorrerem transações entre bancos iranianos e europeus. Ver em (FRANCE PRESSE, 2023).

(PIB) do país, por exemplo, oscilou bastante nos 20 anos após a revolução, não apresentando grande evolução, conforme demonstra o gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Variação do PIB do Irã em bilhões de dólares



Fonte: *The World Bank* (elaboração própria)

Além disso, o Índice de Gini²⁵ iraniano também não mudou drasticamente ao longo dos anos pós-revolução, sendo 47,4 em 1986, 43,6 em 1990, 43 em 1994, 44,1 em 1998 e 43,6 em 2005, de acordo com dados disponíveis no site do *World Bank*. Segundo Gresh e Vidal,

Em um período de dez anos, os problemas do Irã se acumularam. Não houve nenhum processo de reforma, e o Irã foi prejudicado por quase US \$ 30 bilhões em dívidas. A insatisfação social levou a vários tumultos, que foram brutalmente reprimidos. O apoio de alguns elementos do regime iraniano a ações terroristas contra dissidentes no exterior levou ao isolamento do Irã em círculos diplomáticos. (2004, p. 136 apud CHEREM, 2019, p. 29)

O programa nuclear do Irã é também uma questão de grande destaque e uma das maiores preocupações da comunidade internacional desde o início deste século. Em 2003, a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) revelou que o país construiu diversas

²⁵ De acordo com o *World Bank*, o índice de Gini é utilizado para avaliar o grau de desigualdade na “distribuição de renda (ou, em alguns casos, de gastos de consumo) entre os indivíduos ou famílias dentro de uma economia” (tradução própria), comparando-a com uma distribuição idealmente igualitária. Dessa forma, um índice de Gini de 0 indica uma distribuição de renda (ou gastos de consumo) perfeitamente igualitária, enquanto um índice de 100 sugere uma distribuição extremamente desigual.

instalações atômicas durante 18 anos²⁶. Essa violação dos acordos com a AIEA gerou tensões no mundo, já que o desenvolvimento secreto das atividades nucleares iranianas tornou-se o elemento chave no discurso de que o país busca o programa nuclear com objetivos militares, ou seja, para fabricar armas nucleares. Apesar do governo iraniano ter afirmado que as atividades eram pacíficas, as potências ocidentais e até mesmo a Rússia e a China – parceiros tradicionais do Irã – realizaram sanções e pressionaram para que o país parasse com o programa nuclear (BERMÚDEZ, 2021).

Essas tensões se prolongam até a atualidade, fazendo com que o então presidente dos EUA, Donald Trump, saísse do Acordo Nuclear firmado em 2015, pois o Irã começou a enriquecer urânio acima do limite estabelecido pelo tratado. No ano passado, inclusive, Teerã afirmou ter capacidade de criar uma bomba atômica²⁷, o que provoca o crescimento dos temores das potências ocidentais, tendo em vista que isso alteraria a balança de poder no Oriente Médio significativamente. Portanto, não é de interesse do Ocidente que um país não-aliado possua tal armamento, pois seus objetivos na região estariam ainda mais ameaçados.

O Irã possui uma posição geográfica estratégica que combina funções como importância geoeconômica, geopolítica e geoestratégica. Essa condição pode trazer tanto estabilidade e desenvolvimento econômico quanto instabilidade e insegurança, afetando questões políticas internas e externas do Estado e também estratégias de potências regionais e globais. Um exemplo disso é a posição do Irã no Estreito de Ormuz, o que possibilita que uma possível atuação iraniana tenha um impacto significativo na região caso ocorra algum conflito com o país, podendo provocar até mesmo a interrupção nas exportações de petróleo. Isso prejudicaria vários Estados que importam tal combustível da região, atraindo ainda mais conflitos. Segundo Nohadani (2020), um Estado com localização estratégica não consegue se manter afastado de contendas internacionais e deve reconhecer essa posição para desenvolver seu país. No entanto, Teerã tem tomado decisões que o leva a ser uma arena para rivalidade dos poderes globais.

Ademais, o Irã se destaca nas relações internacionais do Oriente Médio por sua posição não alinhada, formação persa e pela configuração sócio-política do país desde a Revolução Islâmica, o que aumenta sua capacidade hegemônica sobre vácuos de poder e o distancia do

²⁶ Fonte: BERMÚDEZ, Ángel. **Programa nuclear do Irã: como EUA ajudaram o país a iniciar polêmico plano atômico**. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59491973>. Acesso em: 26 jun. 2023.

²⁷ Fonte: AFP. **Irã tem a 'capacidade' de fabricar a bomba atômica, diz alto funcionário**. 2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2022/07/17/interna_internacional,1380813/ira-tem-a-capacidade-de-fabricar-a-bomba-atomica-diz-alto-funcionario.shtml. Acesso em: 26 jun. 2023.

espectro regional (CHEREM, 2019). Um exemplo dessa demonstração de influência sobre os demais países da região é a Guerra Fria regional em que o país está envolvido com a Arábia Saudita.

3.3 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Devido ao fato de serem potências regionais, as relações entre Irã e Arábia Saudita são tensas e muitas vezes hostis. As diferenças sectárias e religiosas entre os dois países, com os sauditas sendo majoritariamente sunitas e os iranianos xiitas, têm sido um fator-chave para as tensões entre as duas nações. A competição pela liderança do mundo islâmico tem sido uma questão importante para ambos os países, com a Arábia Saudita assumindo o papel de líder do mundo sunita e o Irã se apresentando como defensor dos xiitas. Além disso, a aproximação de Riad com o Ocidente, especialmente com os Estados Unidos – ainda que essa relação esteja conturbada –, é vista pelo Irã como uma estratégia para fortalecer sua própria posição e influência na região, o que alimenta a rivalidade entre os dois países. As tensões entre os dois países se manifestam em conflitos em toda a região, incluindo na Síria, no Líbano, Iraque e no Iêmen.

Para a Arábia Saudita, a intervenção na Guerra do Iêmen é uma oportunidade de exercer sua liderança na região e de impedir a expansão do Irã. Além disso, o país árabe vê os Houthis como uma ameaça direta à sua segurança nacional, uma vez que compartilha parte da sua fronteira com o Iêmen e ter um inimigo na vizinhança direta não seria vantajoso. Por sua vez, o Irã viu a guerra iemenita como uma oportunidade de expandir sua influência na região e de desafiar a posição da Arábia Saudita como principal potência regional. Portanto, os interesses geopolíticos dos dois países do Oriente Médio fizeram com que ambos se envolvessem na Guerra do Iêmen. Devido às suas posições de poder na região, a Arábia Saudita e o Irã viram o conflito como uma oportunidade de exercerem sua influência sobre os países vizinhos e impedirem a expansão um do outro.

4 A MANIFESTAÇÃO DA BALANÇA DE PODER ENTRE IRÃ E ARÁBIA SAUDITA NA GUERRA DO IÊMEN

O conflito no Iêmen é um reflexo da disputa entre Irã e Arábia Saudita pela influência regional e o equilíbrio de poder no Oriente Médio. Ambos os países veem a guerra como um campo de batalha por procuração, no qual podem lutar por seus interesses regionais sem diretamente confrontar um ao outro. Para o Irã, o conflito iemenita é uma oportunidade de desafiar a hegemonia da Arábia Saudita na região e expandir sua influência, já que o apoio aos Houthis promove seus interesses estratégicos na região. Por outro lado, Riad vê o grupo fundamentalista do Iêmen como uma ameaça direta à sua própria segurança e estabilidade, tendo em vista que resultaria na crescente influência de Teerã na região. Sendo assim, a guerra no Iêmen é uma forma de impedir que o país persa ganhe ainda mais poder.

Ademais, o território iemenita está localizado em uma posição estratégica no Golfo de Áden, próximo à importante rota marítima do Canal de Suez. Portanto, ter controle sob a principal rota de navios petroleiros e mercadorias entre a Ásia e a Europa implica em uma grande influência econômica, política e militar, permitindo a rápida mobilização de forças navais entre diferentes áreas do mundo. O Irã e a Arábia Saudita veem essa região como fundamental para as suas projeções de poder e determinados acontecimentos nessa localidade podem representar ameaças significativas a esses países. Dessa forma, para garantirem uma política regional favorável para si, ambos adotam a estratégia de influenciar o maior número de países possível no Oriente Médio, assim como o Iêmen.

Tendo em vista as informações supracitadas, o presente capítulo abordará como o Irã e a Arábia Saudita se posicionam na guerra iemenita e de que forma esse conflito se configura como parte da balança de poder entre os dois países. Sendo assim, serão analisadas questões como de que maneira a participação das duas potências regionais agravam a situação da contenda, além de examinar os gastos de defesa de Riad e Teerã desde 2014 para verificar se há alguma relação com o conflito do Iêmen. Ademais, serão analisados o papel do *proxy* iraniano Houthi e o impacto da sua presença na guerra, assim como a eficácia das políticas e estratégias implementadas pelo Irã e pela Arábia Saudita em atingir seus objetivos na contenda.

4.1 AS CONSEQUÊNCIAS DA ATUAÇÃO DO IRÃ E DA ARÁBIA SAUDITA NO CONFLITO IEMENITA

A atuação do Irã e da Arábia Saudita na Guerra do Iêmen tem contribuído para a intensificação do conflito e agravamento da crise humanitária na região. Com o objetivo de impedir a expansão da influência iraniana no Oriente Médio e manter o controle sobre a fronteira sul do país, a Arábia Saudita lidera uma coalizão militar que intervém no conflito do Iêmen em apoio ao governo reconhecido internacionalmente, que enfrenta uma rebelião dos Houthis, apoiados pelo Irã. Por sua vez, Teerã tem fornecido armas e apoio ao grupo fundamentalista iemenita com o objetivo de estender sua influência na região e desestabilizar Riad. No entanto, a atuação de ambos tem causado inúmeros danos à infraestrutura civil do Iêmen, bem como um número elevado de mortes e deslocamento da população.

Diversos episódios relatam a participação das duas potências regionais no conflito e denunciam a sua contribuição para o agravamento do mesmo, os quais podem ser demonstrados na tabela abaixo, construída a partir de fontes jornalísticas disponíveis em matérias de revistas e jornais reconhecidos, tais como a Exame, Al Jazeera, EFE, Monitor do Oriente Médio, entre outros. Além disso, o uso da força militar nessas situações foi analisado em “níveis de hostilidade”, construídos pelo projeto *Correlates of War* e incluídos no artigo de Mares (2012). Os cinco indicadores utilizados são: “1 = não utiliza; 2 = ameaça; 3 = exibição; 4 = utiliza < 1.000 mortes relacionadas ao campo de batalha; 5 = guerra” (MARES, 2012, p. 600). Segundo o autor, “a militarização de conflitos é uma ferramenta de negociação entre estados em comunidades interestaduais em que o uso da força militar dentro da comunidade continua a ser um atributo soberano na região” (MARES, 2012, p. 600).

Quadro 1 – Participações do Irã e da Arábia Saudita na Guerra do Iêmen

Data	Ocorrência	Nível de hostilidade
Março de 2015	Um bombardeio realizado por um caça saudita no bairro de Bani Heuat, em Sana'a, capital do Iêmen, resultou na morte de pelo menos 13 civis e na destruição de cinco casas. Fonte: R7 (2015).	5
2015-2016	Segundo o Vice-Almirante Kevin Donegan, responsável pelas operações navais norte-americanas no Oriente Médio, navios de guerra dos EUA interceptaram cinco transferências de armamentos do Irã para os Houthis no Iêmen desde abril de 2015 até o meio de 2016. Fonte: Wiltgen (2016).	3
Outubro de 2016	Forças lideradas pela Arábia Saudita realizaram ataques aéreos em Al-Hodeida, no Iêmen, resultando na morte de pelo menos 60 pessoas, a	5

	maioria prisioneiros, e deixando dezenas de feridos. Fonte: TRT (2016).	
Dezembro de 2017	Um bombardeio da coalizão árabe liderada pela Arábia Saudita atingiu um mercado popular na província de Taiz, no Sudeste do Iêmen, resultando em pelo menos dez mortos e mais de 30 feridos. Fonte: O Sul (2017).	5
Agosto de 2018	Um bombardeio realizado na província de Saada pela coalizão árabe atingiu um ônibus que transportava crianças; apesar disso, a coalizão afirmou que foi uma ação militar legítima. Fonte: EFE (2018).	5
Setembro de 2019	O maior campo de petróleo da Arábia Saudita foi atacado em setembro de 2019 e, embora os rebeldes Houthis tenham reivindicado a autoria do ataque, o governo saudita atribui a responsabilidade ao Irã. Mesmo que o episódio não tenha acontecido no Iêmen, as tensões no conflito aumentam, tendo em vista que a Arábia Saudita alega que as armas utilizadas têm origem do Irã. Fonte: Exame (2019).	5
Janeiro de 2021	Observadores independentes incumbidos pela ONU relataram que organizações e cidadãos iranianos estão fornecendo armas aos Houthis no Iêmen, violando o embargo da ONU. Segundo o relatório anual, há evidências crescentes de envio de armas e peças beligerantes do Irã ao grupo rebelde, com o uso de rotas no Mar da Arábia. Além disso, os Houthis foram acusados de desviar recursos do Estado iemenita para financiar suas atividades de guerra. Fonte: Monitor do Oriente Médio (2021).	3
Janeiro de 2022	Um ataque aéreo realizado pela coalizão liderada pela Arábia Saudita em uma prisão no norte do Iêmen resultou em dezenas de mortes, de acordo com um oficial Houthis e a organização Médicos Sem Fronteiras (MSF). Fonte: Al Jazeera (2022).	5

Tendo em vista as notícias incluídas na tabela acima, é possível inferir que a participação do Irã e da Arábia Saudita na Guerra do Iêmen tem piorado o conflito e agravado a crise humanitária na região. A análise dos níveis de hostilidade demonstra que o uso da força militar a ponto de causar uma guerra está presente em quase todos os episódios listados, intensificando o conflito e prolongando os seus efeitos negativos. Apesar das situações por si só não terem mais de 1000 mortes no campo de batalha, cada uma faz parte da guerra que assola o país, o que as caracteriza como nível 5. Os indícios de fornecimento de armas iranianas aos Houthis podem ser enquadrados como exibição, ou seja, nível 3, pois seria uma forma do Irã demonstrar sua capacidade aos seus inimigos na contenda em questão; sendo assim, aumentando as tensões entre o país persa e o reino saudita.

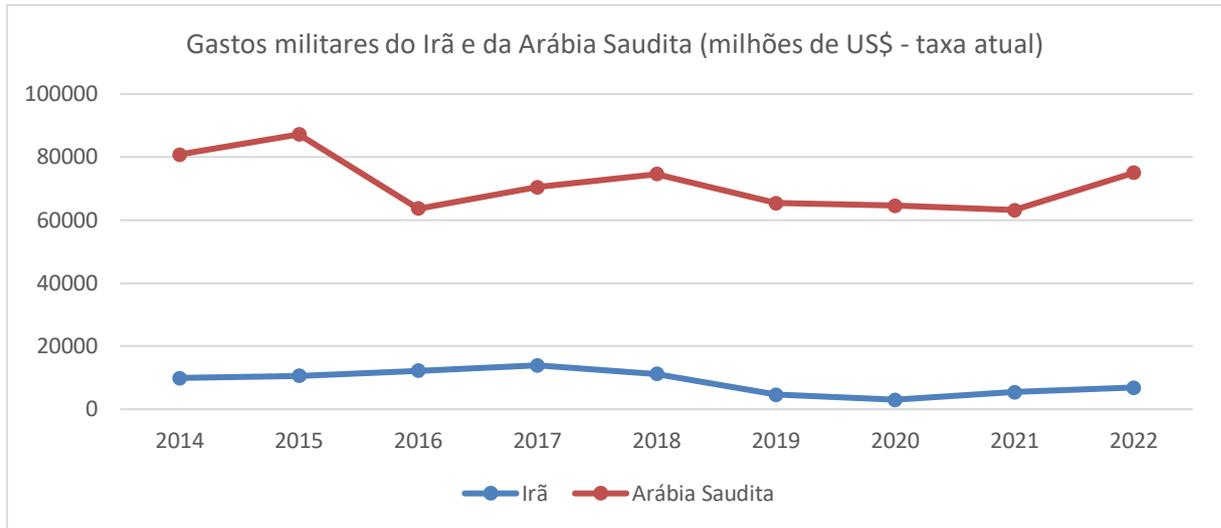
Ambos os Estados veem o Iêmen como um campo de batalha para avançar seus interesses regionais, maximizar seu poder e ganhar influência na área. A Arábia Saudita teme a influência iraniana em países como a Síria e considera fundamental manter o Iêmen como um aliado para preservar suas fronteiras. Já o Irã vê o conflito como uma oportunidade para minar a influência saudita e ocidental no Oriente Médio, além de fortalecer o xiismo na região. Mesmo

que Teerã não tenha atuado diretamente nos ataques, há indícios de que o mesmo financiou armamentos ao grupo Houthi e, por essa razão, o conflito é escalado, gerando maiores tensões com os sauditas. Por sua vez, juntamente com a coalizão árabe, Riad realizou diversos bombardeios ao longo dos anos da contenda, o que fomentou a crise com os Houthis e também provocou as respostas do grupo. Portanto, entende-se que a busca de ambos os países por maximização do poder através das guerras *proxy* tem impedido uma solução política para o conflito. O apoio contínuo de ambos os lados à contenda fornece incentivos para que as partes em guerra persistam, prolongando o sofrimento do povo iemenita. Além disso, essa rivalidade desestabiliza ainda mais a região, arrastando outros atores e aumentando a complexidade do conflito.

4.2 GASTOS MILITARES DO IRÃ, DA ARÁBIA SAUDITA E DA COALIZÃO ÁRABE

Para melhor compreensão da manifestação da balança de poder entre Irã e Arábia Saudita no conflito iemenita, faz-se necessário analisar os gastos militares das duas potências regionais desde 2014 (ano que antecede a guerra) até 2022. Segundo Mearsheimer (2001), devido ao sistema internacional ser anárquico e hostil, o estabelecimento de uma hegemonia com base no poderio militar e no poder material é fundamental para a sobrevivência dos Estados. Tanto os países com tendências ofensivas quanto os defensivos buscam maximizar suas capacidades militares para se protegerem de ameaças externas e aumentarem seu poder. Sendo assim, quanto maior for o poder detido por um Estado, maior será sua capacidade de alcançar uma posição hegemônica. No entanto, essa dinâmica resulta no dilema da segurança, pois a busca pelo aumento das capacidades militares de um Estado pode levar o outro a investir ainda mais nas suas, comprometendo a segurança e criando ciclo contínuo de busca por sobrevivência.

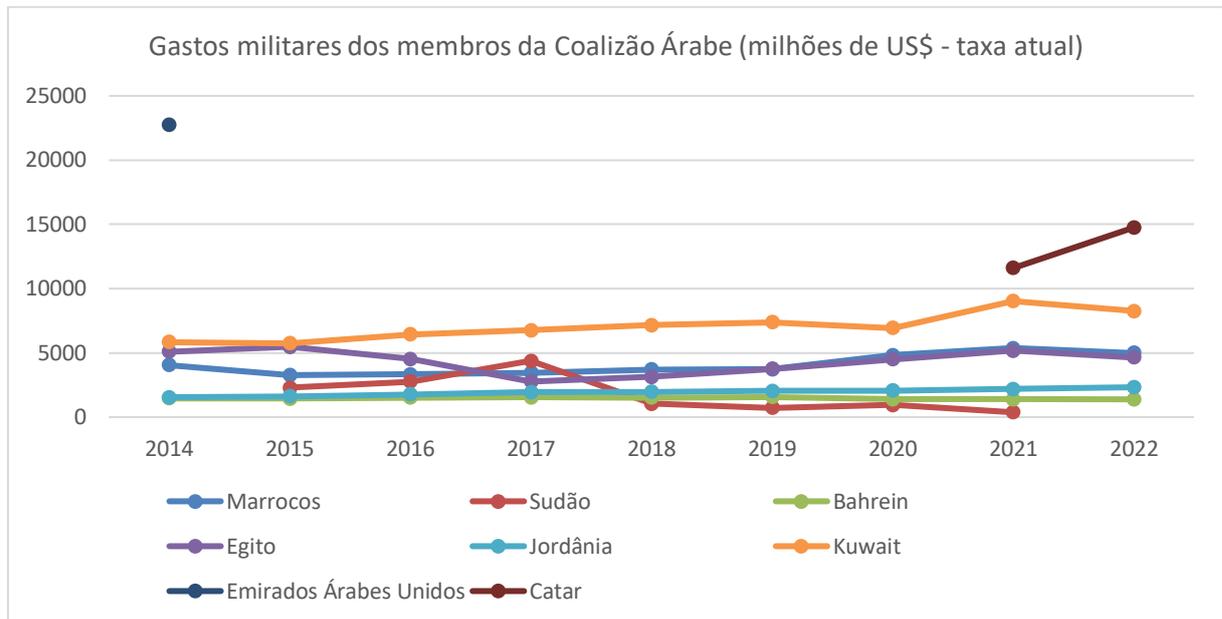
O gráfico 2 corrobora os argumentos supracitados, pois, mesmo que os gastos militares da Arábia Saudita tenham oscilado ao longo dos anos do conflito iemenita, eles mantiveram-se muito elevados, o que provavelmente resultou no aumento dos investimentos do Irã de 2014 a 2017. É possível inferir que ambos os países elevaram seus gastos entre 2014 e 2015 devido ao fato de ser o período em que a guerra se iniciou. Portanto, foi um incentivo para que Teerã e Riad aumentassem suas capacidades para investirem em seus *proxies* e obterem ganhos na contenda.

Gráfico 2 – Gastos militares do Irã e da Arábia Saudita

Fonte: *SIPRI Military Expenditure Database* (elaboração própria)

Tendo em vista que a Arábia Saudita atua conjuntamente da Coalizão Árabe no conflito iemenita, uma hipótese relacionada ao motivo do país não ter aumentado consideravelmente as suas despesas militares de 2014 a 2022 é o fato de que os Estados integrantes também dispenderam recursos na guerra. Conforme demonstra o gráfico 3, a maioria deles elevaram seus gastos entre os anos da contenda. O Kuwait, o Bahrein, o Egito, a Jordânia e o Marrocos são exemplos de países que aumentaram suas despesas na maioria desses anos e atuaram ativamente nas operações – apesar de esse último ter diminuído seu envolvimento posteriormente –, seja em forma de ajuda militar, humanitária ou logística. O Sudão apresentou queda em 2020, que foi quando o país reduziu suas tropas na região (CAFIERO, 2019). A maioria dos dados do Catar e dos Emirados Árabes Unidos não estavam disponíveis no *SIPRI Military Expenditure Database*, muito embora esse último seja um dos principais financiadores da coalizão.

Gráfico 3 – Gastos militares dos membros da Coalizão Árabe



Fonte: *SIPRI Military Expenditure Database* (elaboração própria)

Portanto, é possível inferir que, sem o auxílio desses países que fazem parte da balança de poder saudita, Riad teria tido a necessidade de usar mais recursos militares e, conseqüentemente, aumentar seus investimentos. Hokayem e Roberts (2016) afirmam que a Arábia Saudita,

apesar de contribuir política e economicamente para importantes operações, como a *Decisive Storm*²⁸ - executada em território iemenita -, continuava com um baixo nível de operacionalização militar e com pouca capacidade bélica para um confronto territorial. (apud RAUBER *et al.*, 2018, p. 264)

Diante dos dados analisados, o dilema de segurança de Mearsheimer (2001) pode ser observado na Guerra do Iêmen. O Irã provavelmente aumentou suas despesas na maioria dos anos do conflito para poder balancear o grande poderio militar da Arábia Saudita – mesmo que não tenha atingido os níveis desse último – e também financiar o grupo Houthi. Segundo Cunningham e Noack (2019), “o Irã mantém programas avançados de mísseis e drones como parte de sua estratégia de defesa nacional”, os quais “permitem deter os adversários e apoiar *proxies* (aliados) regionais, que podem atacar em nome do Irã”. Por sua vez, os elevados gastos

²⁸ A Operação *Decisive Storm* (Tempestade Decisiva) foi uma intervenção militar realizada pela Coalizão Árabe, liderada pela Arábia Saudita, na Guerra do Iêmen. A operação foi lançada em 26 de março de 2015, em resposta à escalada da crise no país com o objetivo principal de restaurar o governo de Abd Rabbuh Mansur Hadi e conter o avanço dos Houthis sobre a cidade de Áden, local onde o ex-presidente estava abrigado (MOURA, 2019).

militares sauditas e a formação da coalizão demonstram a preocupação desses países diante de um possível desequilíbrio da balança de poder regional, refletindo no aumento dessas despesas.

4.3 O PAPEL DO PROXY HOUTHIS NA GUERRA DO IÊMEN

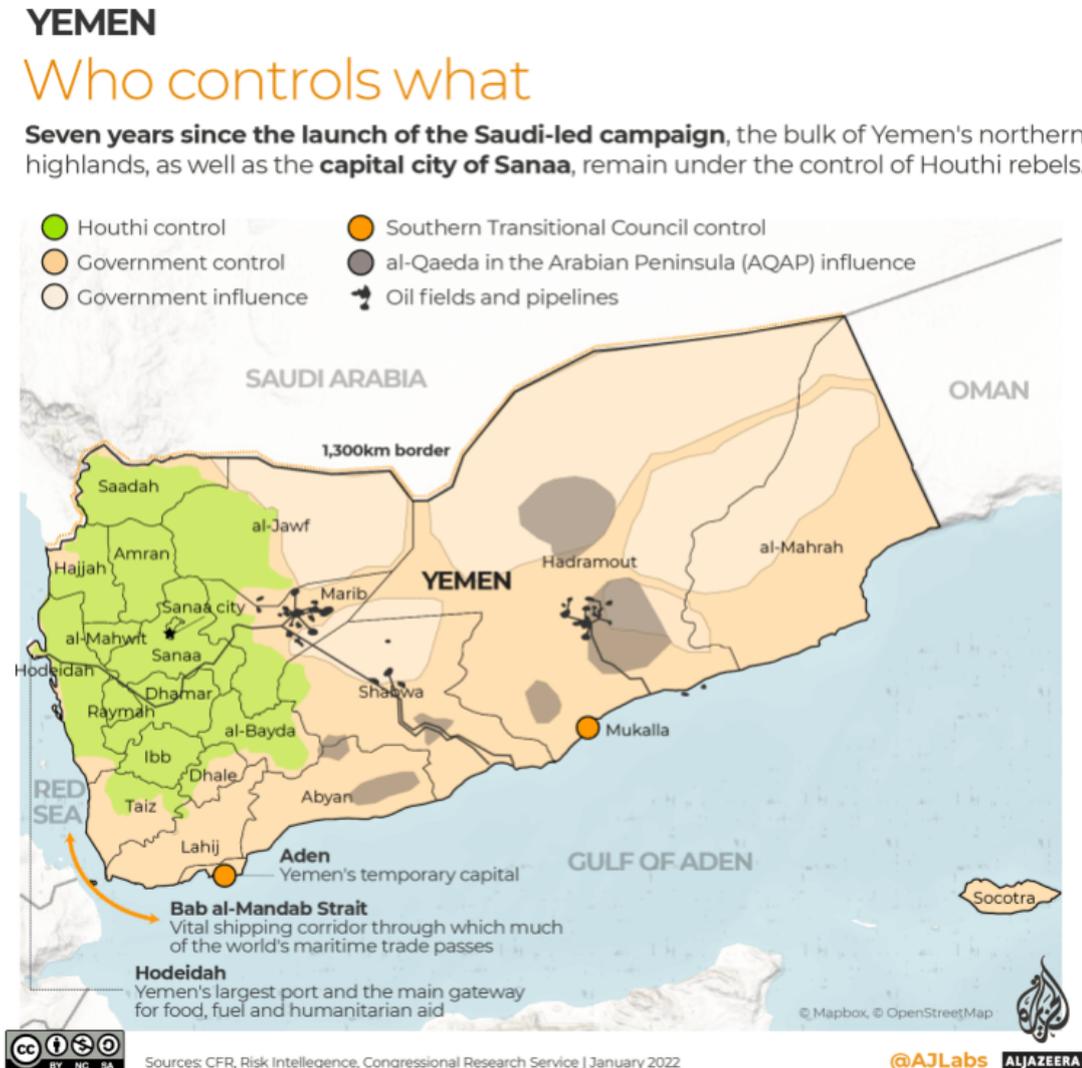
Conforme abordado anteriormente, existem partes na guerra do Iêmen que atuam aliados ao Irã ou à Arábia Saudita, representando papéis diferentes no conflito e impactando a sua dinâmica de diversas maneiras. Dentre eles, estão os Houthis, que são um *proxy* iraniano e assumem um papel central na guerra. Para melhor compreensão de como o conflito iemenita faz parte da balança de poder entre as duas potências regionais, é necessário fazer uma análise de como esse grupo tem impactado e contribuído para o agravamento da contenda.

Formalmente conhecidos como “*Ansar Allah*” (“Partidários de Deus”, em tradução livre), os Houthis são um grupo rebelde no Iêmen com raízes no norte do país, especificamente na zona rural de Saada, onde é predominante a ramificação islâmica do zaidismo – relacionada à corrente xiita –, que defende a descendência da família do profeta Maomé em termos de legitimidade política.

Segundo Santos (2018), a radicalização e o engajamento político dos Houthis aumentaram a partir de 2004, durante as seis guerras travadas contra o governo de Ali Abdullah Saleh (1979-2012). O movimento se tornou uma ameaça ao presidente quando protestou, cantou e ergueu slogans anti-EUA e anti-Israel em Sana'a. Os Houthis lideravam grande parte da oposição do norte do Iêmen em relação à política externa, econômica e religiosa do regime (SALMONI; LOIDOLT; WELLS, 2010 apud SANTOS, 2018). O governo, inclusive, considerava o movimento como uma rebelião e uma ameaça à unidade islâmica, relacionando-o ao terrorismo.

O impacto da presença dos Houthis no conflito é amplo. A começar, o conflito iniciou-se quando o grupo rebelde tomou a capital, Sana'a, e depôs o governo do presidente Abdrabbuh Mansur Hadi em 2014. Conforme demonstra o mapa abaixo, além da capital, eles controlam cidades estratégicas no norte do país, assim como o porto de Hodeida no Mar Vermelho, o que lhes confere acesso a recursos territoriais e econômicos importantes. Segundo Alasrar (2022), embora tenham enfrentado rejeição em algumas áreas no início do conflito, como al-Jawf, Marib, Aden e Shabwa, a queda de al-Jawf e os avanços em Marib mostram que eles ainda têm interesse em obter controle total do território iemenita.

Figura 2 – Alcance dos Houthis no Iêmen



Fonte: *Al Jazeera* (2022)

Militarmente, tem sido difícil suprimir os Houthis no campo de batalha. Um relatório do Painel de Especialistas da ONU sobre o Iêmen de janeiro de 2022 indica que o grupo empregou armas sofisticadas, incluindo mísseis de cruzeiro, antinavio e terra-ar comparáveis aos fabricados no Irã (ALASRAR, 2022). Além disso, eles recrutam funcionários públicos e crianças, com ou sem consentimento, para travar a guerra a qualquer custo (ALASRAR, 2022). A pobreza crescente²⁹, o ressentimento e as medidas de recrutamento agressivas fornecem um suprimento quase ilimitado de recrutas para o grupo, tornando difícil acabar com a guerra por

²⁹ Segundo o Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), 80% da população do Iêmen vive abaixo da linha da pobreza e 66% precisa de assistência para sobreviver. Além disso, estima-se que metade dos habitantes do país sofrem com a fome. Fonte: (ACNUR, 2021).

meios militares. Após anos de controle sobre áreas do norte do país, ficou claro que o isolamento inadvertido do movimento fortaleceu seu poder, permitindo que se tornassem autossuficientes por meio da violência, corrupção e confisco de recursos estatais (ALASRAIR, 2022).

Apesar dos indícios de que o Irã fornece armamento aos Houthis, o grupo afirma que o Iêmen alcançou autossuficiência na fabricação de artilharia e que a indústria militar do país é promissora, com perspectivas de se tornar um produtor de armas no futuro (AL MAYADEEN, 2022). Os esforços da indústria militar iemenita no desenvolvimento de capacidades de dissuasão também são destacados, especialmente em relação aos drones, que estão sendo fabricados do zero e ainda estão em progresso. Os Houthis afirmam que a coalizão liderada pela Arábia Saudita está ciente da fabricação de mísseis no Iêmen, mas muitas vezes atribui esse armamento ao Irã para evitar admitir que eles são produzidos localmente.

Ademais, o grupo rebelde desempenha um papel estratégico para o Irã na guerra, pois o domínio dos Houthis no Iêmen permite ao país persa expandir sua influência em um Estado de localização estratégica, garantindo acesso a rotas marítimas importantes. Além disso, essa aliança permite que Teerã desafie a influência saudita, promova os interesses xiitas no Oriente Médio e mostre sua capacidade militar e tecnológica.

4.4 ANÁLISE DA EFICÁCIA DAS ESTRATÉGIAS IMPLEMENTADAS PELO IRÃ E PELA ARÁBIA SAUDITA NO CONFLITO

A rivalidade entre o Irã e a Arábia Saudita no contexto do Iêmen tem motivações geopolíticas, religiosas e estratégicas. Teerã vê no apoio aos Houthis uma oportunidade de expandir sua influência na região e desafiar a hegemonia saudita. Isso permite ao país persa promover seus interesses e enfraquecer a influência ocidental no Oriente Médio, o que impactaria diretamente os objetivos da política externa dos Estados Unidos na região.

Por outro lado, a Arábia Saudita tem um interesse estratégico em preservar sua relação privilegiada com o Iêmen e sua influência no Estreito de Bab El-Mandeb, que é uma rota crucial para o comércio marítimo – especialmente de petróleo – e para a projeção de poder da região, pois afeta o fluxo entre o Mar Vermelho, o Oceano Índico e o Golfo de Áden. Perder essa influência para o Irã e seus aliados representaria um risco inaceitável para a Arábia Saudita, especialmente se isso resultasse em uma exclusão das relações com países ocidentais e uma possível desestabilização do estreito. Essa região

que inicialmente foi tomada pelos Houthis com o apoio estratégico do Irã causou grande comoção dos países ocidentais, ameaçados pela diminuição da sua atividade comercial da qual consequentemente afetaria a projeção de poder dos países dependentes do estreito. [...] Assim sendo, países ocidentais não tardaram para oferecer apoio à Coalizão Saudita em detrimento da sua respectiva retomada. (SANTOS, 2018, p. 24)

Sendo assim, as duas potências regionais agem de maneiras diferentes para atingirem seus objetivos na Guerra do Iêmen, seja através de ataques ou de financiamento a alguma parte do conflito. No caso da coalizão liderada pela Arábia Saudita, além dos episódios citados na seção 4.1, foram realizadas algumas operações para enfraquecer os Houthis, dentre elas a *Decisive Storm*, a *Renewal of Hope* e a *Golden Arrow*³⁰. Esses ataques obtiveram diversos êxitos para a coalizão, pois afetaram áreas estratégicas que os Houthis controlavam – como a cidade de Aden e o entorno do Estreito de Bab El-Mandeb – e enfraqueceram o exército Houthis.

Por sua vez, apesar da dificuldade em determinar o alcance e o impacto preciso da ajuda iraniana aos Houthis por ser baseada em suposições, há indícios de que o financiamento de armas vindas do Irã teve diversas vantagens para o grupo rebelde. A assistência do país persa tem contribuído para a capacidade dos Houthis de manter o controle de áreas estratégicas no Iêmen e realizar ataques contra a coalizão liderada pela Arábia Saudita, incluindo lançamentos de mísseis e ataques com drones. Acredita-se também que o Irã tem dado ajuda financeira ao grupo, o que lhes permite manter sua infraestrutura, pagar salários e financiar suas atividades militares.

Por um lado, algumas estratégias das duas potências regionais demonstraram-se eficazes, pois o Irã conseguiu fortalecer os Houthis aumentando sua capacidade de resistência e a Arábia Saudita logrou em conter o avanço do grupo rebelde em alguns territórios do Iêmen. No entanto, 8 anos após o início do conflito, o Irã não foi capaz de alcançar seu objetivo principal de estabelecer uma influência direta sobre o Iêmen, pois os Houthis ainda dominam uma parte relativamente pequena do território, se comparado ao resto – vide Figura 2. Além disso, embora a coalizão liderada pela Arábia Saudita tenha conseguido retomar algumas áreas do controle dos Houthis, o grupo ainda mantém um poder significativo no Iêmen. Os ataques não foram capazes de eliminar completamente a presença dos Houthis nem restaurar o governo reconhecido internacionalmente.

³⁰ Em tradução livre, respectivamente: Tempestade Decisiva, Renovação da Esperança e Flecha Dourada.

O prolongado envolvimento iraniano e saudita na Guerra do Iêmen tem sido custoso para ambas as potências regionais, tendo em vista que recursos financeiros são dispendidos a cada ano do conflito e nenhuma das duas atingiu seus objetivos principais. A guerra resultou em perdas humanas consideráveis, incluindo baixas militares e um grande número de vítimas civis. A Arábia Saudita tem sido alvo de críticas internacionais devido ao impacto humanitário da intervenção militar no Iêmen; estima-se que “o bloqueio saudita além de impedir a chegada de alimentos, os efeitos colaterais de seus ataques têm como principal vítima crianças iemenitas” (SANTOS, 2018, p. 30). Teerã também obteve desafios decorrentes de seu envolvimento no conflito iemenita, como críticas internacionais devido ao seu apoio aos Houthis e à suposta transferência de armas para o Iêmen. Esses fatores também têm impactado as relações diplomáticas das duas potências regionais com outros países.

Ademais, apesar dos esforços recentes do Irã e da Arábia Saudita em restaurar os laços diplomáticos e dos cessar-fogos entre os Houthis e a Coalizão Árabe, a perspectiva de encerramento do conflito não parece promissora (FURLAN, 2023). A contenda é uma complexa guerra civil entre várias facções armadas, incluindo o grupo houthi e diferentes milícias que têm interesses e visões distintas. A reconciliação entre o Irã e a Arábia Saudita não abordará as hostilidades enraizadas entre os Houthis e seus oponentes nem as tensões dentro do campo anti-Houthi. Embora as negociações bilaterais entre a Arábia Saudita e os Houthis possam ser facilitadas pela détente entre Teerã e Riad, a exclusão do governo iemenita das negociações e a determinação contínua dos Houthis em recorrer à força sugerem perspectivas pouco animadoras para a paz no Iêmen.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante a hipótese de que a disputa pelo poder no Oriente Médio tem levado o Irã e a Arábia Saudita a se envolverem em conflitos como a guerra *proxy* travada no Iêmen, o presente trabalho focou em examinar a manifestação da balança de poder entre as duas potências regionais no conflito iemenita por meio das guerras por procuração. Sendo assim, foram analisados elementos como: o contexto histórico da formação dos Estados iraniano e saudita; os conceitos securitários e neorrealistas; e, por fim, o modo como as relações entre Irã e Arábia Saudita influenciam no agravamento da Guerra do Iêmen.

Com a análise historiográfica dos dois países, foi possível inferir que Teerã e Riad buscam conquistar influência na região desde os períodos históricos examinados. A antiga Pérsia foi um império poderoso e dominante na região do Oriente Médio, destacando-se pela extensão territorial, conquistas militares e riqueza cultural. Suas dinastias mais poderosas – como os aquemênidas e os sassânidas – deixaram um legado duradouro, moldando a história da região e influenciando civilizações subsequentes. Por sua vez, as dinastias árabes pré-formação do Estado saudita também foram poderosas e influentes em suas respectivas épocas. Elas estabeleceram reinos prósperos, controlaram rotas comerciais estratégicas e desempenharam um papel importante na preservação e disseminação da cultura e identidade árabe.

A Revolução Iraniana de 1979 rompeu as quase cinco primeiras décadas de relações pacíficas – desde a formação do Estado saudita em 1932 – entre os dois países, pois o Irã se afastou dos seus antigos aliados ocidentais, incluindo os Estados Unidos, e começou a defender uma agenda pan-islâmica e anti-imperialista. Portanto, a ascensão do governo xiita liderado pelo aiatolá Khomeini criou uma divisão ideológica e política entre os dois países. A Arábia Saudita viu o novo regime iraniano como uma ameaça direta ao seu domínio regional e à sua posição de liderança no mundo islâmico sunita. A diferença sectária entre o xiismo predominante no país persa e o sunismo praticado no reino saudita agravou ainda mais as tensões.

Desde então, as relações entre os dois países têm sido marcadas por rivalidade e conflitos indiretos em várias frentes, como o apoio a grupos insurgentes em outras nações do Oriente Médio, disputas por influência regional e diferenças político-religiosas. A anarquia do Sistema Internacional faz com que Teerã e Riad busquem pela maximização de poder para sobreviverem nesse ambiente hostil. Essa busca pelo aumento de influência se dá muitas vezes

através de procurações e intervenções em conflitos de outros países, o que contribui para a complexidade dos desafios enfrentados na região. A rivalidade entre ambos continua a influenciar a geopolítica do Oriente Médio, exacerbando a instabilidade e os conflitos existentes, assim como a Guerra do Iêmen.

O território iemenita é considerado estratégico para as duas potências regionais devido a uma série de razões geográficas, políticas e econômicas. Para o Irã, o Iêmen é importante como parte de sua estratégia de expansão de influência na região. O país faz fronteira com a Arábia Saudita, um dos seus principais rivais, e, ao exercer influência sobre aquele local, o Irã consegue desafiar a hegemonia saudita e estender sua esfera de influência na Península Arábica. Além disso, o Iêmen tem uma significativa população xiita, que é uma minoria religiosa no país majoritariamente sunita. Por ser uma república teocrática xiita, Teerã vê o apoio aos Houthis como uma forma de promover os interesses da comunidade xiita e ampliar sua influência religiosa e política na região.

Já para a Arábia Saudita, o Iêmen é estrategicamente importante por estar localizado em sua fronteira sul e na rota principal de navios petroleiros que transitam pelo Mar Vermelho em direção ao Canal de Suez. O controle sobre esse território garante a segurança das fronteiras sauditas e a proteção de seus interesses comerciais, especialmente no que diz respeito ao transporte de petróleo e gás. Além disso, o Iêmen também é relevante para o reino saudita em termos de equilíbrio regional de poder, pois é uma área de influência histórica de Riad. Dessa forma, permitir que grupos apoiados pelo Irã tomem o controle do país é visto como uma ameaça à liderança da Arábia Saudita na região e à estabilidade interna do reino.

Portanto, através da bibliografia analisada – que contou com dados de instituições de pesquisa renomadas e artigos de autores importantes relacionados aos assuntos abordados – verificou-se a comprovação da hipótese inicial do presente trabalho: a disputa pelo poder no Oriente Médio tem, de fato, levado o Irã e a Arábia Saudita a se envolverem em conflitos como a guerra *proxy* travada no Iêmen. O controle sobre o território iemenita é uma manifestação da balança de poder entre as duas potências, pois representa uma oportunidade para ambos os Estados exercerem influência na região, desafiar seus rivais e proteger seus interesses geopolíticos e econômicos. Inclusive, a partir da análise de dados dos gastos militares e das notícias jornalísticas, essa pesquisa concluiu que a participação de Teerã – mesmo que indireta – e Riad na guerra tem contribuído para o agravamento da mesma. É possível inferir que a contenda se prolongou justamente devido à ingerência de atores externos naquele território, aumentando a militarização e os ataques.

A presente pesquisa visou oferecer ao leitor a oportunidade de ampliar a compreensão sobre as dinâmicas e estratégias de conflito no Sistema Internacional, indo além dos casos tradicionais e ocidentais. Ao examinar conflitos em regiões não ocidentais como o Oriente Médio, os estudantes de Relações Internacionais são expostos a diferentes perspectivas, atores e complexidades que não são frequentemente abordados nos principais conceitos ocidentalizados. Além disso, o tema deste trabalho também ilustra as interações entre fatores domésticos e internacionais. Compreender as dinâmicas internas dos países envolvidos, bem como os interesses e influências externas, é crucial para uma análise abrangente desses conflitos. Dessa forma, destaca-se a importância de uma abordagem holística e multidimensional ao estudar as Relações Internacionais, que vai além dos conceitos tradicionais e ocidentais. Essas questões contribuem para uma análise mais abrangente e crítica, preparando os estudantes para lidar com a complexidade e diversidade do mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ACNUR BRASIL. **Lacuna de US\$295 milhões compromete ajuda humanitária que salva vidas no Iêmen.** 2023. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2023/02/27/lacuna-de-us-295-milhoes-compromete-ajuda-humanitaria-que-salva-vidas-no-iemen/#:~:text=Em%202023%2C%20a%20ONU%20estima,em%20abril%20do%20ano%20passado..> Acesso em: 19 mar. 2023.

ACNUR BRASIL. **Seis anos de conflito no Iêmen deixa 80% da população abaixo da linha da pobreza.** 2021. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2021/03/26/seis-anos-de-conflito-no-iemen-deixa-80-da-populacao-abaixo-da-linha-da-pobreza/>. Acesso em: 29 jun. 2021.

AFP. **Irã tem a 'capacidade' de fabricar a bomba atômica, diz alto funcionário.** 2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2022/07/17/interna_internacional,1380813/ira-tem-a-capacidade-de-fabricar-a-bomba-atmica-diz-alto-funcionario.shtml. Acesso em: 26 jun. 2023.

AFP. **Relatório da ONU revela possível tráfico de armas do Irã para o Iêmen.** 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2022/01/09/relatorio-da-onu-revela-possivel-trafico-de-armas-do-ira-para-o-iemen.htm>. Acesso em: 25 mar. 2023.

ALASRAR, Fatima Abo. **The Houthis' war and Yemen's future.** 2022. Disponível em: <https://www.mei.edu/publications/houthis-war-and-yemens-future>. Acesso em: 27 maio 2023.

ALTMAN, Max. **Hoje na História: 1932 - É fundado o Reino da Arábia Saudita.** 2021. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/hoje-na-historia/24460/hoje-na-historia-1932-e-fundado-o-reino-da-arabia-saudita>. Acesso em: 25 abr. 2023.

AL JAZEERA. **Dozens killed in Saudi-led coalition air raid on Yemen prison.** 2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/1/21/several-killed-in-airstrike-on-yemen-prison>. Acesso em: 16 maio 2023.

AL MAYADEEN. **Al-Houthi: Yemen will be an arms-producing country.** 2022. Disponível em: <https://english.almayadeen.net/news/politics/al-houthi:-yemen-will-be-an-arms-producing-country>. Acesso em: 28 maio 2023.

BAGHOOLIZADEH, Beeta. **From fellows to foreigners: the Qajar experience in the Ottoman Empire.** 2012. Tese de Doutorado – Masters of Arts. The University Of Texas At Austin, 2012. Disponível em: <https://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/ETD-UT-2012-08-6012/BAGHOOLIZADEH-THESIS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 jun. 2023.

BARBOSA, Vanessa. **Os 15 países que mais exportam petróleo no mundo (até agora).** 2014. Disponível em: <https://exame.com/mundo/os-15-maiores-produtores-de-petroleo-do-mundo-brasil-esta-na-9a-posicao/>. Acesso em: 24 abr. 2023.

BARTEL, Bruno. **O que é Oriente Médio?** 2019. Disponível em: <https://neom.uff.br/o-que-e-orientes-medio/>. Acesso em: 16 abr. 2023.

BBC. **Arábia Saudita: perfil da nação onde nasceu o Islã.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56273341#:~:text=A%20Ar%C3%A1bia%20Saudita%20foi%20estabelecida,por%20v%C3%A1rios%20de%20seus%20filhos..> Acesso em: 25 abr. 2023.

BERMÚDEZ, Ángel. **Programa nuclear do Irã: como EUA ajudaram o país a iniciar polêmico plano atômico.** 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59491973>. Acesso em: 26 jun. 2023.

BLINDER, Caio. **Discurso do 'eixo do mal' assombra Bush.** 2006. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2006/10/061012_caioblinderaw. Acesso em: 26 jun. 2023.

BUZAN, Barry; WÆVER, Ole. Levels: distinguishing the regional from the global. In: BUZAN, Barry; WÆVER, Ole. **Regions and Powers: the structure of international security.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 3-564. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5285025/mod_folder/content/0/Buzan%20and%20Waever%20.%20Regions%20and%20Powers.pdf?forcedownload=1. Acesso em: 28 jun. 2023.

CAFIERO, Giorgio. **Winding Down Sudan's Dark Role in the Yemen War.** 2019. Disponível em: <https://responsiblestatecraft.org/2019/12/12/winding-down-sudans-dark-role-in-the-yemen-war/>. Acesso em: 25 maio 2023.

CANTARINO, Victor Augusto Rocha; FOGOLIN, Igor de Oliveira. As Conjunturas Internas e Externas da Segunda Guerra Civil Iemenita. **Fronteira**, Belo Horizonte, v. 21, n. 41, p. 135-157, jan. 2022. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/fronteira/article/view/27250/19954>. Acesso em: 26 mar. 2023.

CHEREM, Helena Miranda. **A GUERRA-FRIA DO ORIENTE MÉDIO: Irã e Arábia Saudita na balança de poder regional no Oriente Médio após a Primavera Árabe.** 2019. 104 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Centro Socioeconômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/201024/HELENA%20CHEREM.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 mar. 2023.

CORRÊA, Fernanda das Graças. A BALANÇA DE PODER SOB A ÓTICA DE KENNETH WALTZ: UMA DISCUSSÃO DA TEORIA SISTÊMICA. **Revista Interação**, [S. L.], v. 11, n. 11, p. 38-50, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/interacao/article/view/29398/16450>. Acesso em: 08 abr. 2023.

CUNNINGHAM, Erin; NOACK, Rick. **Rápida evolução de armas iranianas coloca em risco seus rivais no Oriente Médio.** 2019. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/rapida-evolucao-de-armas-iranianas-coloca-em-risco-seus-rivais-no-orientes-medio/>. Acesso em: 28 maio 2023.

EFE. **Coalizão árabe afirma que bombardeio no Iêmen é legítimo.** 2018. Disponível em: <https://exame.com/mundo/coalizao-arabe-afirma-que-bombardeio-no-iemen-e-legitimo/>. Acesso em: 15 maio 2023.

EXAME. **Armas usadas em ataque a campo de petróleo são do Irã, diz Arábia Saudita.** 2019. Disponível em: <https://exame.com/mundo/ataque-de-drone-atinge-maior-campo-de-processamento-de-petroleo-da-arabia-saudita/>. Acesso em: 16 maio 2023.

EXAME. **Os 15 maiores produtores de petróleo do mundo (Brasil está na 9ª posição).** 2023. Disponível em: <https://exame.com/mundo/os-15-maiores-produtores-de-petroleo-do-mundo-brasil-esta-na-9a-posicao/>. Acesso em: 24 abr. 2023.

FOX, Major Amos C. IN PURSUIT OF A GENERAL THEORY OF PROXY WARFARE. **Land Warfare Paper**, n. 123, Feb 2019. Disponível em: <https://www.ausa.org/sites/default/files/publications/LWP-123-In-Pursuit-of-a-General-Theory-of-Proxy-Warfare.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2023.

FRANCE PRESSE. **Conheça as sanções internacionais contra o Irã.** Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/11/conheca-as-sancoes-internacionais-contr-o-ira.html>. Acesso em: 26 jun. 2023.

FURLAN, Marta. **IMPLICATIONS OF THE SAUDI-IRAN DEAL FOR YEMEN.** 2023. Disponível em: <https://politicalviolenceataglace.org/2023/03/27/implications-of-the-saudi-iran-deal-for-yemen/>. Acesso em: 29 maio 2023.

GASTALDI, Fernanda Castro; MENDONÇA, Filipe. **Petróleo, armas e dinheiro: A Arábia Saudita e o poder global dos Estados Unidos (2001 - 2018).** *Oikos*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 55-65, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/oikos/article/viewFile/52011/28300>. Acesso em: 24 abr. 2023.

GERALDO, Michelly Sandy. **NÃO-PROLIFERAÇÃO NUCLEAR VS. DINÂMICAS REGIONAIS: os impactos nas decisões nucleares dos estados intermediários.** 2015. 241 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/160556/337707.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 jun. 2023.

GUIMÓN, Pablo. **Príncipe saudita autorizou o assassinato do jornalista Jamal Khashoggi, aponta inteligência dos EUA.** 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-02-26/principe-saudita-autorizou-o-assassinato-do-jornalista-jamal-khashoggi-aponta-inteligencia-dos-eua.html>. Acesso em: 26 jun. 2023.

HADDAD, Mohammed. **Infographic: Yemen's war explained in maps and charts.** 2022. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2022/2/9/yemens-war-explained-in-maps-and-charts-interactive>. Acesso em: 27 maio 2023.

KLARE, Michael T.. **Sangre y Petróleo: peligros y consecuencias de la dependencia del crudo**. Barcelona: Ediciones Urano, 2006.

LADEIRA, Sávio. **Polícia da moralidade**: entenda como atuava o órgão oficial do governo iraniano. entenda como atuava o órgão oficial do governo iraniano. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/12/04/policia-da-moralidade-entenda-como-atuava-o-orgao-ofical-do-governo-iraniano.ghhtml>. Acesso em: 26 jun. 2023.

MARES, David R.. Por que os latino-americanos continuam a se ameaçarem: o uso da força militar nas relações intra latino-americanas. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 28, n. 48, p. 599-625, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/b6G4kRyn8GnYGcL4vqmRjVv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 maio 2023.

MATTEO, Giovanna de. **AS PERSEGUIÇÕES DO REGIME DE RUHOLLAH KHOMEINI**. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/persegucioes-do-regime-de-ruhollah-khomeini.phtml>. Acesso em: 22 abr. 2023.

MEARSHEIMER, John J. **The Tragedy of Great Power Politics**. Chicago: W. W. Norton & Company, 2001. Disponível em: <https://is.cuni.cz/studium/predmety/index.php?do=download&did=216573&kod=JPM755>. Acesso em: 24 maio 2023.

MELO, Tiago Valêncio de. A ARÁBIA SAUDITA E A PRIMAVERA ÁRABE: A ATUAÇÃO PARA PRESERVAR O STATUS QUO. **Revista Gae-Omam**, v. 1, n. 1, p. 67-74, jul./dez. 2016.

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO. **Irã fornece armas aos houthis no Iêmen, denuncia ONU**. 2021. Disponível em: <https://www.monitordo Oriente.com/20210128-ira-fornece-armas-aos-houthis-no-iemen-denuncia-onu/>. Acesso em: 16 maio 2023.

MOURA, Letícia. **Crise no Iêmen: entenda o que acontece no país!** 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/crise-no-iemen/>. Acesso em: 29 jun. 2023.

NEVES, Luiz Felipe Pereira. **A GUERRA DO IÊMEN E A TEORIA DE KENNETH N. WALTZ**. 2022. 82 f. TCC (Graduação) - Curso de Relações Internacionais, Unicuritiba, Curitiba, 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/28901/1/A%20Guerra%20do%20I%20C3%AAmen%20e%20a%20Teoria%20de%20Kenneth%20N.%20Waltz.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2023.

NOHADANI, Syrus Ahmadi. A GEOPOLÍTICA DO IRÃ DE ACORDO COM A TEORIA DOS ESPAÇOS TAMPÃO GEOGRÁFICOS. **Revista Austral**, S. L., v. 9, n. 17, p. 189-211, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/austral/article/view/97198/57570>. Acesso em: 25 abr. 2023.

ONU BRASIL. **Iêmen: milhões à beira da fome em 'maior crise humanitária do mundo'**. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/145725-i%C3%A0men-milh%C3%B5es-%C3%A0-beira-da-fome-em-maior-crise-humanit%C3%A1ria-do-mundo>. Acesso em: 19 mar. 2023.

O SUL. **Bombardeio contra mercado no Iêmen**. 2017. Disponível em: <https://www.osul.com.br/bombardeio-contra-mercado-no-iemen/>. Acesso em: 16 maio 2023.

Presidential Library. **THE TREATY OF TURKMENCHAY BETWEEN RUSSIA AND IRAN SIGNED**. Disponível em: <https://www.prilib.ru/en/history/619048>. Acesso em: 26 jun. 2023.

Presidential Library. **TREATY OF GULISTAN WAS SIGNED**. Disponível em: <https://www.prilib.ru/en/history/619659>. Acesso em: 26 jun. 2023.

R7. **Bombardeio saudita contra bairro da capital do Iêmen deixa 13 civis mortos**. 2015. Disponível em: <https://noticias.r7.com/internacional/bombardeio-saudita-contra-bairro-da-capital-do-iemen-deixa-13-civis-mortos-26032015-1>. Acesso em: 16 maio 2023.

RAUBER, Beatriz Vieira *et al.* **COALIZÃO SAUDITA NA REPÚBLICA DO IÊMEN: OPERAÇÃO RENEWAL OF HOPE**. 2018. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ufrgsmun/2018/web/files/csi-orh.pdf>. Acesso em: 25 maio 2023.

SANTIAGO, Emerson. **Arábia Saudita**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/oriente-medio/arabia-saudita/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

SANTO, Murillo Müller do Espírito; BALDASSO, Tiago Oliveira. A Revolução Iraniana: Rupturas e Continuidades na Política Externa do Irã. **Revista Perspectiva**, Porto Alegre, v. 10, n. 18, p. 70-84, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/revistaperspectiva/article/view/80167/47837>. Acesso em: 22 abr. 2023.

SANTOS, Mibsan. A Balança de Poder na Guerra Civil do Iêmen: a interação entre Arábia Saudita e Irã (2015 a 2020). **Neari em Revista**, [s. l], v. 4, n. 6, p. 1-39, 2018. Disponível em: <https://revistas.faculdedamas.edu.br/index.php/neari/article/view/1546/1109>. Acesso em: 26 mar. 2023.

SETTEMBRINI, Maria Maddalena. **The proxy war between Iran and Saudi Arabia: the case of the Yemeni Civil War**. 2019. 62 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Internacionais, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2019. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/18837/4/master_maria_maddalena_settembrini.pdf. Acesso em: 26 mar. 2023.

STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE. **SIPRI Military Expenditure Database**. Disponível em: <https://milex.sipri.org/sipri>. Acesso em: 24 maio 2023.

THE WORLD BANK. **GDP (current US\$) - Iran, Islamic Rep.** Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/NY.GDP.MKTP.CD?locations=IR>. Acesso em: 22 abr. 2023.

TRT. **Iêmen: 60 mortos por um bombardeio da coalizão saudita.** 2016. Disponível em: <https://www.trt.net.tr/portuguese/medio-oriente/2016/10/31/grupo-terrorista-daesh-executa-mulheres-e-criancas-599947>. Acesso em: 16 maio 2023.

TURCI, Érica. **Pérsia antiga - Do Reino Medo ao Império dos Aquemênidas.** [20--]. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/persia-antiga-do-reino-medo-ao-imperio-dos-aquemenidas.htm>. Acesso em: 16 abr. 2023.

WALTZ, Kenneth N. **O homem, o Estado e a Guerra.** Martins Fontes, 2004.

WALTZ, Kenneth N. **Teoria das Relações Internacionais.** 2002.

WILTGEN, Guilherme. **US Navy intercepta carregamentos de armas iranianas para os Houthis no Iêmen.** 2016. Disponível em: <https://www.defesaaereanaval.com.br/naval/us-navy-intercepta-carregamentos-de-armas-iranianas-para-os-houthis-no-iemen>. Acesso em: 16 maio 2023.